

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

A INTERDISCIPLINARIDADE E A FALA DOS PROFESSORES DE ARTE

KARIANE DO NASCIMENTO PAVAN DA SILVA

CRICIÚMA

2016

KARIANE DO NASCIMENTO PAVAN DA SILVA

A INTERDISCIPLINARIDADE E A FALA DOS PROFESSORES DE ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva

CRICIÚMA

2016

KARIANE DO NASCIMENTO PAVAN DA SILVA

A INTERDISCIPLINARIDADE E A FALA DOS PROFESSORES DE ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 25 de Novembro de 20016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestrado em Educação – (UNESC)
– Orientadora

Prof. Ma. Rosilene Koscianski da Silveira – Mestrado em Educação – (UNESC)

Prof. Ma. Gislene dos Santos Sala – Mestrado em Educação – (UNESC)

Dedico este trabalho aos professores de artes que buscam estreitar cada vez mais a relação de seus alunos com a arte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado as oportunidades de buscar o sucesso no meu trabalho e por ter me dado forças nos momentos mais difíceis.

Ao meu esposo Rafael Darós por estar ao meu lado durante esses quatro anos de Universidade me oferecendo todo o seu carinho, amor e paciência sendo companheiro em todos os momentos. Sempre preocupado e perguntado: Amor, precisa de ajuda?

Aos meus pais por todo apoio e auxílio para que esse sonho se tornasse realidade.

A minha estimada orientadora Silemar Maria de Medeiros da Silva por cada conselho e por acreditar no meu trabalho. E aos professores que contribuíram para a minha formação acadêmica.

As minhas colegas de turma, pelas conversas e momentos divertidos vivenciados nestes quatro anos. Em especial, a minha amiga Jheniffer de Oliveira por cada momento vivenciado na Universidade.

A Unesc por valorizar a Educação e a formação dos educadores permitindo que a nossa luta por um futuro melhor tenha sentido.

Ao Centro Educacional Raios do Sol - Helder e Luca por confiarem no meu trabalho e me ajudarem.

Sou grata a todos por confiarem no meu potencial e ficarem do meu lado a cada momento. Vocês fazem parte da minha historia e foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

Obrigada.

“A interdisciplinaridade propicia condições para que criador e criação transmudem de lugar, construindo-se ora como autores, ora como sujeitos, arquitetos da individualidade e do coletivo.”

Beatriz Di Marco Giacon

RESUMO

Seguindo a linha de pesquisa Educação e Arte do curso de Artes Visuais – UNESC, esta pesquisa tem como objetivo investigar como os professores de arte compreendem a interdisciplinaridade na sua atuação. Proponho, assim, contextualizar a interligação entre o ensino da arte na contemporaneidade e a interdisciplinaridade a partir do que pontua Fazenda (1998, 1995, 2002), Ferraz e Fusari (2009), Barbosa (2003), LDB (1996), PCN (2001) Japiassu (1976) entre outros estabelecendo diálogos. Partindo do referencial teórico, desenvolvi a pesquisa de campo a qual envolve a coleta de dados por meio de aplicação de um questionário composto com oito questões para dez professores de artes de diferentes redes (municipal, estadual, particular) e diferentes níveis de ensino (educação infantil, fundamental I e II, ensino Médio e EJA). Trata-se de uma pesquisa de natureza básica e cunho qualitativo não visando valores numéricos, mas discussão no campo teórico. A partir da reflexão feita sobre a análise de dados, desenvolvi um projeto de extensão no qual proponho estudos e reflexões acerca da interdisciplinaridade e o ensino da arte na contemporaneidade. Percebe-se que a interdisciplinaridade está presente nas escolas e necessita ser aprofundada para que a visão sobre seu conceito não seja reducionista para o ensino da arte. Logo a pesquisa ressalta a necessidade de se compreender a interdisciplinaridade e reconhecer seu espaço na educação e no campo da arte.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Ensino de Arte; professor de artes; Arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Pintura Rupestre.....	18
Figura 02 – Vitral na Igreja Matriz de Espinho.....	20
Figura 03 – Monalisa, Museu do Louvre.....	20
Figura 04: Nildo da Mangueira com Parangolé.....	22
Figura 05: Andy Warhol, sem título.....	24
Figura 06: <i>Rhythm 0</i> (Ritmo 0)	25
Figura 07 - Rio de Janeiro La ville métisse.....	28
Figura 08 – Caipira picando fumo.....	30
Figura 09 - Operários	33
Figura 10 – Esquema de Interdisciplinaridade.....	51
Figura 11 - David	53
Figura 12 – Azulejaria verde em carne viva.....	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma de Encontros	74
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDBN	Lei de Diretrizes e Bases Nacionais
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PROESDE	Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 PARA COMEÇO DE CONVERSA.....	11
1.1 TECENDO OS CAPÍTULOS	12
1.2 METODOLOGIA DA PESQUISA	13
2 O ENSINO DA ARTE NA CONTEMPORANEIDADE	16
2.1 DE QUE ARTE ESTOU FALANDO?.....	16
2.2 O ENSINO DA ARTE: QUE HISTÓRIA É ESSA?.....	27
2.3 O ENSINO DA ARTE HOJE	36
2.4 O PAPEL DO PROFESSOR DE ARTE.....	41
3 INTERDISCIPLINARIDADE.....	44
3.1 O CONCEITO DE INTERDISCIPLINARIDADE E SUA HISTÓRIA.....	46
3.2 A INTERDISCIPLINARIDADE E A ARTE.....	52
3.3 A INTERDISCIPLINARIDADE E O ENSINO DA ARTE.....	57
4 E AGORA PROFESSOR? APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	63
4.1 O QUESTIONÁRIO	63
4.2 AS RESPOSTAS DOS PROFESSORES E A INTERDISCIPLINARIDADE	64
5 PROJETO DE EXTENSÃO: O ENSINO DA ARTE E A INTERDISCIPLINARIDADE.....	73
6 CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS.....	79
APÊNDICE(S).....	82
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO.....	83
APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM.	85

1 PARA COMEÇO DE CONVERSA

O Curso de Artes Visuais Licenciatura foi me envolvendo cada vez mais como aprendiz de professora, logo que iniciei a graduação, tive a oportunidade de participar do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) subprojeto de Artes Visuais na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Nos encontros do PIBID surgiu um tema que me gerou curiosidade: a interdisciplinaridade. Pude perceber o quanto este tema é atual no campo da educação e quanto gerava discussões com diversas opiniões, me refiro aqui ainda aos comentários no próprio grupo, não tínhamos a noção de que teoricamente isso também não seria unânime.

Este mesmo tema começou a ser exercitado – mesmo que lentamente – entre as disciplinas do Curso de Artes, sendo que nas disciplinas voltadas às questões de ensino o conceito era trazido como algo à ser apreendido e a cada teórico que estudávamos, cada texto que analisávamos meus questionamentos aumentavam e minha curiosidade se aguçava. Então comecei a formular o que pensava ser interdisciplinaridade e de que forma eram os projetos interdisciplinares desenvolvidos nas escolas? Pensei que já havia compreendido o cerne da questão e que minha forma de pensar estava correta. Mas foi quando participei de uma mesa redonda do PROESDE (Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional), outro programa em que participo na UNESC, vi minhas certezas desmoronarem. Surgindo novos questionamentos e dúvidas, me fazendo retomar a curiosidade criando assim novas perspectivas sobre o tema.

Então percebi, nas escolas que venho atuando como bolsista do PIBID e também como auxiliar de classe e professora de artes, que a compreensão de interdisciplinaridade não é única por parte dos professores. Nesse sentido, percebo que a interdisciplinaridade é um assunto que está inserido nas escolas independente dos níveis de ensino e que precisa ser estudado de forma mais aprofundada e minuciosa para que não se tenha uma visão reducionista do assunto e conseqüentemente se perca a ideia que, a princípio, buscamos – constantemente – contribuir para a qualidade do ensino.

Sendo assim, no sentido de ampliar olhares sobre a interdisciplinaridade, proponho por meio desta pesquisa ouvir/capturar a voz dos professores de artes e nesta pesquisa investigar de que forma este professor compreende a

interdisciplinaridade. Para assim, contribuir com a ampliação dos horizontes, ampliando possibilidades de melhor compreendermos o conceito de interdisciplinaridade, sem negligenciar a cientificidade como uma exigência acadêmica no percurso desta investigação.

A presente pesquisa se desenha em quatro capítulos, os quais apresento a seguir. Na seqüência da apresentação dos capítulos segue a metodologia deste desafio, contemplando um corpo teórico pertinente.

1.1 TECENDO OS CAPÍTULOS

A pesquisa está organizada e dividida em capítulos referenciando autores dos quais discutem o tema aqui proposto. Sendo o primeiro capítulo, esta introdução com título: *Para começo de conversa*. Momento em que faço o mapeamento dos capítulos e apresento a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa tendo como referência Kenski (1998), Gill (1999) e Bauer (2003).

Seguido pelo segundo capítulo intitulado: *O ensino da Arte na contemporaneidade*. Tendo como subtítulos: *De que arte?, Que História é essa?, O ensino da arte hoje? E o papel do professor de arte*. Neste capítulo abordo as tendências pedagógicas e as influências sofridas no ensino básico e no ensino da arte, apoiando-me na LDB (1996), Barbosa (2003), PCN (2001), Gadotti (2000), Frenda (2013), Pessanha (1985), Chilvers (1996) Mazzamati (2012) e Ferraz (2009).

O terceiro capítulo tem como título *Interdisciplinaridade* onde busco ampliar olhares sobre o conceito de interdisciplinaridade e como se iniciou seu processo de introdução na Educação Básica e de que forma o ensino da arte interage com esse desafio que aqui vamos chamando de interdisciplinaridade. Neste capítulo está incluso os subtítulos: *O Conceito de Interdisciplinaridade e sua História, A interdisciplinaridade e a Arte e A Interdisciplinaridade e o ensino da arte*. Como referência teórica remeto-me a Proposta Curricular de Santa Catarina (2014), Ivani Fazenda (1998, 1995, 2002), Japiassu (1976). O quarto capítulo tem como título: *E agora Professor? Apresentação e análise de dados*. Nele, contemplo a apresentação e análise de dados da pesquisa desenvolvida com professores de artes de diferentes níveis de ensino (Educação Infantil, fundamental I e II, Ensino Médio) da Educação Básica através de um questionário contendo oito perguntas relacionadas

aos objetivos da pesquisa, qual seja: ampliar conhecimentos sobre a interdisciplinaridade.

O quinto capítulo traz um projeto de Extensão relacionado ao tema da pesquisa, sendo este: *O ensino da arte e a Interdisciplinaridade*.

1.2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa tem como objetivo ampliar conhecimentos sobre a interdisciplinaridade a partir da fala de professores de artes, buscando assim, alcançar maior compreensão sobre o tema específico.

O pesquisador adquire, no plano coletivo, a possibilidade de enriquecimento e avanço de seus estudos, ao mesmo tempo em que colabora com os demais. A discussão teórica enriquecedora contribui para que dúvidas possam ser esclarecidas, novos ângulos da questão possam ser observados, novas e atualizadas bibliografias sobre o tema, divulgadas. (KENSKI, 1998, p. 137).

Esta pesquisa intitulada A interdisciplinaridade na fala dos professores de arte, segue a linha de pesquisa Arte e Educação do curso de Licenciatura Artes Visuais – UNESC e parte da indagação de como os professores de artes compreendem a interdisciplinaridade na sua atuação? A pesquisa tem como fio condutor identificar de que forma a interdisciplinaridade está sendo trabalhada ou compreendida pelo professor de artes.

O desenvolvimento da pesquisa teve procedimentos técnicos bibliográficos, uma vez que me apoiei em livros, artigos científicos de teóricos que visam o tema proposto, pois, de acordo com Gil (1991 apud SILVA; MENEZES, 2001, p. 21) para a pesquisa possuir caráter bibliográfico, deve-se “partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet”.

Para a obtenção de resultados evidencio questões norteadoras que conduzem a pesquisa, sendo elas: O que é interdisciplinaridade? Existe relação entre projeto interdisciplinar e interdisciplinaridade? De que forma as aulas de artes se projetam na interdisciplinaridade ou vice-versa? A arte por si só é interdisciplinar?

Estas questões se conectam ao problema e direcionaram a pesquisa para

obter seus resultados os quais não visam valores numéricos e conclusões exatas, mas sim discussão no campo teórico e disponibilização de dados, qualitativos, pois:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. (SILVA; MENEZES, 2001, p. 20)

A presente pesquisa possui natureza básica já que segundo Silva e Menezes (2001, p. 20) “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”. Trata-se de uma pesquisa de campo, na qual tem um questionário como instrumento de coleta de dados, aplicado à dez professores de artes da rede de ensino básico de diferentes níveis de ensino. Este questionário (apêndice A) contém oito perguntas descritivas as quais foram direcionadas para os professores de artes da rede de ensino básico. Para Silva e Menezes, “o questionário é uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante” (2001, p. 33). Nesse sentido os autores defendem que “o questionário deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções. As instruções devem esclarecer o propósito de sua aplicação, ressaltar a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento.” (2001, p. 33).

O questionário foi aplicado aos professores de artes, aos quais solicitei a autorização, as informações sobre o propósito da pesquisa estão na autorização e não no questionário propriamente dito. Ao entregar o questionário pessoalmente, esclareço poucas questões que surgiram por parte de alguns professores, como por exemplo, quando se referem a perguntas específicas sobre o momento em que foi discutido interdisciplinaridade na graduação (questão 02).

Para efetuar a coleta de dados da pesquisa, o questionário foi entregue para dez professores de artes da rede básica que participam do Arte na Escola Polo Unesc e do PIBD de Artes Visuais Unesc. A escolha destes professores não surgiu apenas a partir do acesso que tenho à esses grupos, facilitando a coleta; mas por compreender que é um grupo que vem buscando uma formação continuada para melhor atuarem como professores de artes.

Junto ao questionário, foi enviado também uma autorização para ser

devidamente preenchida e assinada. Os professores, em sua maioria preencheram os questionários na hora em que lhes solicitei, assinando também a autorização. Visitei o grupo do Pibid no dia 07 de outubro de 2016, sexta-feira no período vespertino, momento em que costumam se encontrar para reflexões sobre o ensino da arte nas escolas. Quanto ao grupo do Arte na Escola, fiz uma visita no dia 06 de outubro e uma no dia 25 do mesmo mês, dia dos seus encontros de formação, os quais acontecem quinzenalmente na Universidade.

2 O ENSINO DA ARTE NA CONTEMPORANEIDADE

Considerando que o ensino atual nas escolas de educação básica, busca proporcionar um conhecimento holístico, pois “[...] as disciplinas e os conteúdos disciplinares não são objeto de estudo explícito, mas um meio para conhecer uma realidade que é uma e global.” (ZABALA, 2004, p. 185-186) Este oportuniza ao aluno o desenvolvimento do senso crítico para formação de cidadãos ativos. Para falar do ensino da arte na contemporaneidade, remeto-me ao que defende a LDB 1996¹ no Art. 26 § 2º, quando diz que: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” Ao remeter-me ao Artigo 26, quero reforçar a ideia das expressões regionais como algo significativo para um ensino contemporâneo. Precisamos ver de que lugar estamos falando e com quem estamos falando. Nesse sentido, questiono: de que arte estou falando?

2.1 DE QUE ARTE ESTOU FALANDO?

A pergunta é provocativa: de que arte estamos tratando? Uma arte que conta história, que estampa a passagem do homem por diferentes lugares e épocas. Uma manifestação do homem que com o passar dos anos passou a ser classificada por diferentes linguagens, das mais tradicionais, às que hoje compreendemos como contemporâneas. O que chamamos de dança, teatro, música e artes visuais, podem se confundir quando assistimos à uma performance, por exemplo. Mas também, com o tempo, surgiram vários questionamentos sobre o que seria considerada arte ou não.

O termo Arte, vem do latim *Artem* que significa habilidade/técnica tendo uma valorização estética. E sendo a Arte um produto de criação humana, pode ter sua concepção variada de acordo com a cultura e época. Atualmente a arte possui uma diversidade de linguagens sendo estas: arquitetura, dança, escultura, música, pintura, poesia, o cinema, a fotografia e

¹ Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf?sequence=3>

desenho, teatro, e muitas outras, possivelmente, o que nos mostra que, para além das formas tradicionais estão também a performance, e arte digital.

Segundo a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9.394/96 artigos 26 parágrafos 2º traz o conceito do que é aceito e visto por arte dentro deste contexto: “A arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber”. Dentro deste conceito, a arte e o seu ensino estiveram presentes e vem sendo perpetuado desde os tempos primórdios e vem se envolvendo na história – e de história – e desenvolvimento da sociedade. Já que a arte se tornou uma das primeiras formas de expressão do homem, podendo ser visto as primeiras produções aceitas como arte, datados do período pré-histórico.

As manifestações artísticas mais antigas de que temos conhecimento hoje datam de aproximadamente 40 mil anos atrás, do período da pré-história chamado de Paleolítico Superior. São chamadas de arte rupestre, palavra que faz referência às rochas, paredes das cavernas onde se encontra grande parte desses registros. (FREANDA, 2013, p. 14)

Como era a arte no início?

A figura 01 mostra uma pintura rupestre na caverna de Chauvet na França a qual contém as pinturas rupestres mais antigas. Essas pinturas, assim como as demais, eram feitas com materiais naturais retirados do próprio ambiente como carvão, pedra e sangue de animais. Nestas produções o homem primitivo representava por meio da pintura episódios do cotidiano como a caça.

Figura 01: Pintura Rupestre. Caverna de Chauvet, Vallon-Pont-d’Arc, França, cerca de 32 a 30 mil anos.



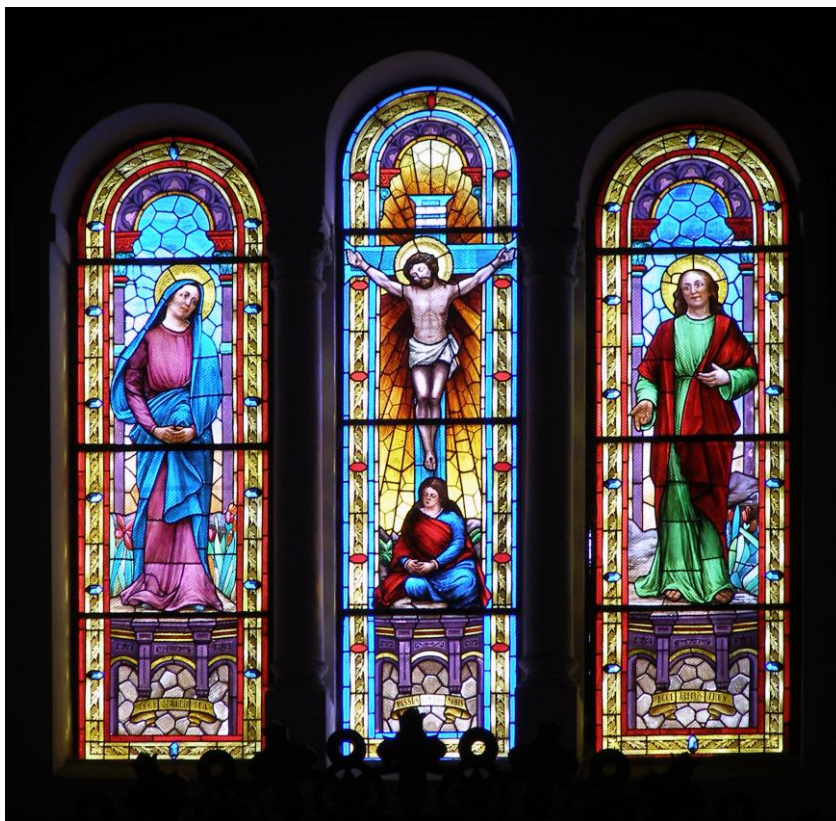
Fonte: [http://4.bp.blogspot.com/-](http://4.bp.blogspot.com/-Ssl0wBvbQI0/T6giRBQj1oI/AAAAAAAAABzM/tmQLKVH_eTg/s1600/Chauvet+cave+3.jpg)

[Ssl0wBvbQI0/T6giRBQj1oI/AAAAAAAAABzM/tmQLKVH_eTg/s1600/Chauvet+cave+3.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-Ssl0wBvbQI0/T6giRBQj1oI/AAAAAAAAABzM/tmQLKVH_eTg/s1600/Chauvet+cave+3.jpg), acesso em 10 de outubro de 2016

Com o desenvolvimento da humanidade, com o surgimento da escrita e de grandes civilizações a arte começa a se propagar e se tornar uma manifestação em todas as culturas. Neste processo, novas artes foram se incorporando, como a arquitetura no Antigo Egito onde as obras de arte passam a ser mais elaboradas e complexas, sendo esta uma arte religiosa e para a nobreza, principalmente para o Faraó. Neste período a arte teve grandes avanços em termos técnicos para a pintura, escultura e arquitetura. Nesse período, a arte era um ofício valorizado.

Com o catolicismo se tornando a religião oficial na Europa, durante a Idade Média (Séc. V ao XV) a arte estava a serviço da nobreza e marcada pela influência da Igreja Católica, já que esta dominava a economia, a política e os aspectos sociais. A arte trazia em si o estilo clássico, o qual retratava a nobreza e a serviço da religião. Nas igrejas, as pinturas e esculturas representavam as cenas bíblicas e doutrinas religiosas. Como exemplo da figura 02, a arte também se apropria dos mosaicos e vitrais dentro dos espaços religiosos como as catedrais.

Figura 02: Vitral na Igreja Matriz de Espinho, em Portugal.



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/dc/Espinho_vitral.jpg acesso em 10 de outubro de 2016.

Na figura 02 pode-se observar a representação de histórias bíblicas como a crucificação de Cristo descrita nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João – estes livros pertencem à Bíblia, livro considerado sagrado para evangélicos, protestantes e católicos.

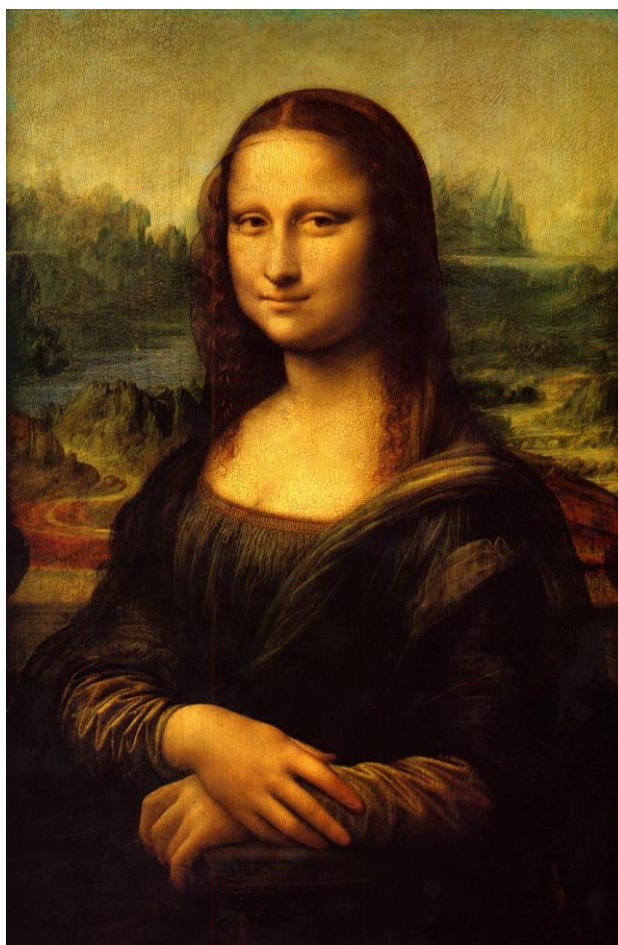
Estas representações eram feitas com variedades de cores e pela figura humana na forma do belo aceito para a época. Mas foi entre 1500 e 1600 na Europa, mais especificamente na Itália, no Renascimento que a história da arte passou a ser analisada e estudada como uma das novas ciências e técnicas da época. A Europa estava passando por grandes mudanças em diversos setores. O poder estava saindo das mãos da igreja católica já que o conhecimento científico se propagava, pois, foi um período marcado por muitas descobertas geográficas e invenção da imprensa. Nestas circunstâncias a arte deixa de estar à serviço somente da igreja, mas passa a estar presente nos palácios e residências dos burgueses. De acordo com Pessanha (1985):

Vasto e diversificado movimento cultural ocorrido em vários países da

Europa, a partir de momentos e circunstâncias diferentes, o Renascimento possui genericamente duas características que permitem interligar suas múltiplas manifestações: por um lado, representa um novo momento histórico que sucede – e freqüentemente critica e rejeita – concepções e valores medievais; por outro lado, como o próprio nome indica, significa a retomada, o renascer de idéias e cânones antigos, recolhidos da herança greco-romana e que, reinterpretados e reformulados, passam a servir de base e inspiração para a construção de uma nova forma de cultura, um novo espírito, uma nova mentalidade, uma nova visão-de-mundo. (PESSANHA, 1985, p. 5)

Dos artistas que se destacam estão os arquitetos italianos Brunelleschi e Bramante Miguel Anelo Buonaroti (1475-1564), e o escultor Miguel Angelo ou Michelangelo o qual ficou famoso com a escultura em mármore de carrara – Pietá, e o pintor, escritor e arquiteto Leonardo da Vinci (1452-1519) o qual produziu a Última Ceia e La Joconda – a famosa Monalisa. Na literatura diversos escritores se destacam como: Shakespeare, Cervantes e Camões.

Figura 03 – Monalisa, Museu do Louvre – Paris. Óleo sobre madeira. 1503 á 1505



Fonte: <http://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2010/02/monalisa.jpg> acesso em 11 de outubro de 2016.

Nas suas produções, Da Vinci utiliza, na maioria de suas pinturas, a técnica do sfumato onde mescla e suaviza as formas e intensifica luz e sombra tornando quase imperceptível as linhas de contorno. Assim como diversos artistas da época, Da Vinci faz uso do desenho de observação para trazer realismo á sua obra sem lançar fora os traços clássicos do idealismo.

Durante muito tempo os artistas produziam suas obras atendendo ao que era proposto pela idealização de arte na época em que viviam. Porém com o passar dos anos e devido às mudanças no meio social, a arte passou a questionar as tradições e padrões impostos. Fazendo com que diversos artistas passassem a subverter esses conceitos acadêmicos e burgueses. Sob influência da revolução industrial entre o final do século XIX e na primeira metade do século XX em decorrência do conjunto dos movimentos culturais e sociais, diversos estilos permearam as artes. Nestes estilos os artistas tinham como objetivo romper com os modelos e retratar a vida da época trazendo em suas obras emoção e sensibilidade. Artistas como Pablo Picasso, um dos principais percussores do estilo cubista que representava as formas da natureza de por meio de figuras geométricas e em único plano. Outro, dos muitos estilos, foi o Impressionismo onde as formas nítidas não eram de grande importância para o artista, destacando-se o artista Monet. Nestes períodos artísticos comentados, a arte não era visualizada como uma possibilidade de se explorar as suas mais diversas possibilidades, por isso a interdisciplinaridade na arte, apesar de estar presente ainda de certa forma estava imperceptível aos que discutiam a arte.

Mas é na segunda metade do século XX, mais especificamente a partir de 1960 em que mudanças significativas ocorrem no campo da arte rompendo com os estereótipos comuns dando origem a Arte Contemporânea.

A década de 1960 não foi movimentada só no cenário das artes. As transformações pelas quais passaram as artes nesse momento acompanharam diversas mudanças culturais, sociais e políticas em varias partes do mundo, muitas das quais influenciaram definitivamente o modo como vivemos hoje. Diversos movimentos sociais tomaram força nesse momento, como a luta por direitos dos negros e homossexuais, principalmente nos EUA, o feminismo, o movimento estudantil e as manifestações pacíficas contra guerras, como a do Vietnã, feitas em especial por jovens do movimento *happie*, cujo lema era paz e amor. Ao mesmo tempo movimentos repressivos como as diversas ditaduras na America Latina criaram um cenário de medo e perseguição, forçando a população encontrar formas clandestinas de se manifestar e resistir. (...) No

Brasil, a década de 1960, inicia-se com o otimismo da construção de Brasília, para pouco depois sofrer o golpe militar em 1964, e cear a 1967 com a repressão do AI-5 – Ato Institucional número 05 -, que suspendeu vários direitos constitucionais dos brasileiros e deu poder absoluto ao governo. (FREANDA, 2013, p.96).

Retomando as transformações trazidas pela autora, com relação à arte, até este movimento dos anos 60 as artes visuais se resumiam, basicamente, ao desenho, pintura e a escultura. Com relação à música e o teatro somente o palco era propício. A relação entre artista e público se resumia a produtor e expectador. Já na arte contemporânea acredita-se em uma arte interada onde o artista não é apenas produtor, mas sim propositor e o público não é mais apenas expectador, mas podem ser participante da produção, nas mais diversas linguagens da arte. Neste novo conceito de arte o público participa podendo intervir na produção do artista.

Figura 04: Nildo da Mangueira com Parangolé, Parangolés de Hélio Oiticica, 1964



Fonte: http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=856&titulo=Parangole:_anti-obra_de_Helio_Oiticica acesso em 12 de outubro de 2016

A produção Parangolés (figura 04) de Hélio Oiticica (1937- 1980) era uma produção da qual o expectador poderia participar. A produção Parangolés consistia em várias capas, bandeiras das quais o expectador poderia vestir e experimentar não só a arte visual, mas em conjunto com a dança e a música já que, vestindo a capa, o participante seria instigado a dançar o samba.

O artista propôs os Parangolés a partir de sua aproximação com o samba e o morro da Mangueira, no Rio de Janeiro. Ao som do samba o parangolé incitaria o público a dançar, a movimentar-se, imerso no ritmo, acessando um comportamento intuitivo, não intelectual. A cor assim, antes elemento puramente visual da pintura, ganha corpo e se torna viva, dinâmica. Obras que antes eram artes visuais passam a ser algo além, em diálogo com as outras linguagens, como a dança e a música. (FRENDA, 2013, p.97)

Nesta produção do artista Hélio Oiticica, podemos ver uma proposta artística da qual envolve uma inter-relação entre as linguagens da arte, podendo ser considerada uma produção com um indicativo de interdisciplinaridade dentro das próprias possibilidades oferecidas pela arte. Ainda sobre a arte contemporânea, faço um recorte para a arte conceitual, onde o conceito, a idéia proposta pelo artista possui mais valor do que a própria produção, já que não há mais necessidade do próprio artista produzir, dando assim a possibilidade ao artista de arquitetar o projeto da sua obra de arte para que em conjunto com diversos profissionais de distintas áreas, colocarem em prática.

O termo conceitual foi usado por alguns artistas nos anos 1960 e 1970 para definir o que faziam, como forma de nomear um movimento. Mas a arte conceitual pode ser pensada além desse momento histórico, influenciando, em variados graus, as manifestações da arte contemporânea até hoje. (FRENDA, 2013, p. 99)

Outra possibilidade da arte contemporânea é a efemeridade onde a obra vai para além do valor da matéria. A obra de arte, neste caso, tem um prazo de existência tendo como produto final a experiência e os registros.

Estas produções contemporâneas também são marcadas por diferentes materiais. O artista já não se satisfaz apenas com tintas e tela, mas busca para suas produções diferentes possibilidades. Estas apropriações se tornaram mais comuns a partir de 1950 no movimento artístico Pop Arte. Neste período os artistas se apropriavam de imagens e recursos da indústria da propaganda e entretenimento. Este movimento tinha como principal objetivo, por meio de suas produções, fazer crítica ao forte consumismo. Já que no contexto contemporâneo a arte traz em si uma consciência social e ecológica.

Figura 05: Andy Warhol, sem título, 1967. Serigrafia.



Fonte: http://c300221.r21.cf1.rackcdn.com/marilyn-andy-warhol-1967-1344190558_b.jpg
acesso em 16 de outubro de 2016

Andy Warhol, um dos artistas que representa a Pop Arte, e provavelmente o mais conhecido deste movimento, também se apropriou de imagens de artistas assim como de produtos. Assim fez com o retrato da atriz e modelo norte-americana - Marilyn Monroe (1926-1962), como crítica à exposição repetida de celebridades no meio do entretenimento provocando um consumismo desenfreado.

Nesta nova perspectiva da arte, as possibilidades de linguagens se ampliam mostrando a arte de outras maneiras como a performance, tendo como maior representante a artista Marina Abramovic (BELGRADO, 1974). Dentre suas inúmeras performances se destaca a *Rhythm 0* (Ritmo 0), a qual foi realizada no ano de 1974 no MoMA, Museu de Arte Moderna de Nova York.

Figura 06: *Rhythm 0* (Ritmo 0), Marina Abramovic, 1974.



Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/10/85/c8/1085c8e96bc8e66b8721092db2fa01d3.jpg> acesso em 16 de outubro de 2016.

Nesta performance a artista dispôs cerca de 72 objetos sobre uma mesa: facas, fitas, gaze, batom, uma rosa, loção, uma pena, mel, chicote, um revólver carregado com uma única bala, entre outros dos quais, o público poderia escolher e interagir, na obra, que no caso era o próprio corpo de Marina Abramovic. Em uma entrevista Marina Abramovic expressa e descreve seus sentimentos quanto ao público e sua performance.

O que eu aprendi foi que... Se você deixar isso para o público, eles podem matá-lo. [...] Eu me senti realmente violada: eles rasgaram as minhas roupas, espetaram espinhos de rosa em meu estômago, uma pessoa apontou a arma para minha cabeça, e outro levou-a embora. Isso criou uma atmosfera agressiva. Depois de exatamente seis horas, conforme o planejado, eu me levantei e comecei a andar em direção à platéia. Todo mundo fugiu, para escapar de um confronto real. (DANERI, 2002, s/p).

Arte contemporânea, onde está?

A arte contemporânea tem encontrado seu espaço e reconhecimento através de centros que pesquisam e estudam sua história e reconhecimento cultural, estes grupos de estudo também analisam a arte enquanto uma proposta interdisciplinar entre suas próprias linguagens e com as mais diversas áreas do conhecimento. Esta arte contemporânea pode ser encontrada e apreciada em diversos museus, exposições, fundações, galerias, em espaços públicos ou privados, e até nas ruas a arte encontra possibilidades como na bienal de arte. Sobre a Bienal, Chilvers, diz que, se faz enquanto:

Exposição internacional de arte montada a cada dois anos e julgada por um comitê internacional. A primeira e mais famosa bienal foi a de Veneza, instituída em 1895 com o nome de “Exposição Internacional de Arte da Cidade e Veneza” e que pretendia representar “as mais notáveis atividades do espírito moderno, sem distinção de nacionalidade”. A esta Bienal acorreram artistas de 16 países, e o comitê incluiu individualidades tão célebres quanto Burne-Jones, Israëls, Libermann, Gustave Moreaux e Puvis de Chavannes. A exposição logo adquiriu prestígio mundial, e quando foi montada, após a Segunda Guerra Mundial, em 1948, tornou-se uma espécie de ponto de encontro da vanguarda internacional. Henri Moore, por exemplo, consolidou sua reputação quando recebeu em 1948 o prêmio Internacional de Escultura. Outras Bienais foram inauguradas segundo o modelo de Veneza; dessas, as mais prestigiosas são a de São Paulo, fundada em 1951, e a de Paris, fundada em 1959. (CHILVERS, 1996, p. 61).

Estas bienais de arte oferecem ao artista a possibilidade de se explorar uma arte interdisciplinar já que a Bienal se faz um espaço de linguagens híbridas. No Brasil temos a Bienal de arte na qual a Internacional acontece em no estado de São Paulo e a Bienal do Mercosul que ocorre no estado do Rio Grande do Sul onde acontecem exposições de diversos artistas, podendo ser brasileiros e estrangeiros, envolvendo as mais diversas linguagens da arte como a visual, dança, performance entre outras, pois:

A arte contemporânea deu aos artistas uma liberdade de atuação sem precedentes na história da arte, ampliando e mesclando as fronteiras entre as linguagens e entre o que pode ou não ser considerado arte. Para as artes visuais hoje há espaço para todos os tipos de materiais, técnicas e apropriações de objetos de uso cotidiano. [...] Elas também podem aparecer sem a preocupação com a técnica precisa, ou mesmo a nobreza, que antes lhes eram atribuídas, e que lhes davam um caráter de objeto único e exclusivo. (FREND, 2013, p. 129).

Tendo em vista todo processo histórico a arte sofre constantes mudanças se tornando patrimônio cultural de todos, permeando as suas mais diversas

linguagens. E encontrando espaço também na educação escolar, passando também por um processo de reconhecimento e aprimoramento constante.

2.2 O ENSINO DA ARTE: QUE HISTÓRIA É ESSA?

Reconhecendo a relevância da arte no processo histórico da humanidade percebeu-se a necessidade de incluí-la no currículo escolar da educação básica. Então se inicia um processo de tentativas, lutas e mudanças para ampliar o espaço da Arte na escola. Mas esta história não foi sempre assim, inicialmente o ensino da arte se dava por meio de catequeses a qual era comandada pelos jesuítas – um grupo religioso. Onde somente após a Corte se instaurar no Brasil (1808-1821) o ensino educacional, assim como o ensino artístico, passou a ser responsabilidade do Estado. Onde o ensino artístico era padrão eurocêntrico. E estava voltado para as necessidades dos nobres e burgueses já que o Brasil estava sob o pacto colonial. Éramos ainda uma colônia, uma extensão da grande metrópole: o Império Português.

No Brasil fundaram “escolas de ler e escrever” e de doutrina em vários locais. As crianças eram atraídas principalmente pelos métodos que os jesuítas utilizavam, e que faziam do conhecimento um atrativo, aproveitando a música, o canto coral, o teatro e mesmo um grande aparato cerimonial. Os colégios criados por eles como suporte da missão tinham por finalidade a formação religiosa e eram destinados aos filhos da elite da colônia. Com relação aos nativos, eram educados nas missões e nos sistemas de “reduções” destinadas a catequese. (FERRAZ, 2009, p. 41).

Neste modelo de ensino as escolas formavam artesões. Se ensinava para o aluno diversos ofícios como pintura, carpintaria e construção de instrumentos. Mas em 1759, (MAZZAMATI, 2012), os jesuítas são expulsos de Portugal e do Brasil, fazendo com que o ensino seja regido pelo Estado trazendo diversas mudanças em seu contexto. Sendo uma dessas, a estruturação do sistema educacional dividido em três níveis: primário, secundário e superior.

Neste mesmo período, D. João VI, Rei de Portugal e Brasil, diante das mudanças políticas, econômicas, relações internacionais e educacionais viu a necessidades de reformulações culturais. Sendo assim o Rei traz para o Brasil a Missão Artística Francesa tendo a responsabilidade de reformular os padrões

estéticos artísticos brasileiros. Esta reformulação devia embasar-se ainda nas ideias e modelos europeus.

Com a vinda da Missão Artística Francesa, em 1816, foi criada a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios no Rio de Janeiro (Decreto Real de 12 de agosto do mesmo ano), transformada, dez anos depois, em Imperial Academia e Escola de Belas Artes. Este ato permitiu a instalação oficial do ensino artístico no Brasil, mas que acompanhava as orientações de instituições similares europeias. Os artistas e técnicos nomeados tinham como modelo as academias de arte da Europa, as quais se baseavam na estética neoclássica, valorizando categorias como a harmonia, o equilíbrio e o domínio dos materiais. (FERRAZ, 2009, p. 42).

Diversos artistas desembarcaram no Brasil, vindos na Missão Francesa, como Jean-Baptiste Debret (1768 – 1848) e Nicolas-Antoine Taunay (1755 – 1830). Ambos lecionaram na Escola de Belas-Artes e em suas obras buscavam representar o cotidiano da vida e sociedade Brasileira vigente na época – período colonial, com aspectos neoclássicos como representações idealizadas: traços definidos e cenas marcantes. Na obra de Jean-Baptiste Debret (fig. 01), vemos que o artista retrata a vida no nobre português que residia no Brasil, sendo seguido por mulheres de sua família e seus escravos que estavam a seu serviço. Sendo possível visualizar características do Neoclassicismo como o equilíbrio e a representação de um ideal.

Figura 07: Rio de Janeiro La ville métisse de Jean-Baptiste Debret (1768- 1848)



Fonte: <http://nosso.jor.br/wp-content/uploads/2015/03/moda-historia-debret-missao-artistica-francesa-epoca-imagem-7.jpg> acesso em 22 de setembro de 2016.

Os artistas que lecionavam na Escola de Belas-Artes ensinavam o desenho e a pintura, não com o objetivo cultural, mas com o objetivo de profissionalizar o estudante para as mais diversas áreas. Visto que se considerava a arte uma ferramenta necessária para o desenvolvimento e progresso urbano e industrial.

No Brasil, como na Europa, o desenho era considerado a base de todas as artes, tornando-se matéria obrigatória nos anos iniciais de estudo da Academia Imperial. No ensino primário e secundário, o desenho também tinha por objetivo ser útil e desenvolver as habilidades gráficas, técnicas e o domínio da racionalidade. Com isso, os professores preparavam os alunos para serem, no futuro, bons profissionais e com formação regida por regras fundamentadas no pensamento dominante, como a estética da "beleza e do bom gosto". (FERRAZ, 2009, p. 44)

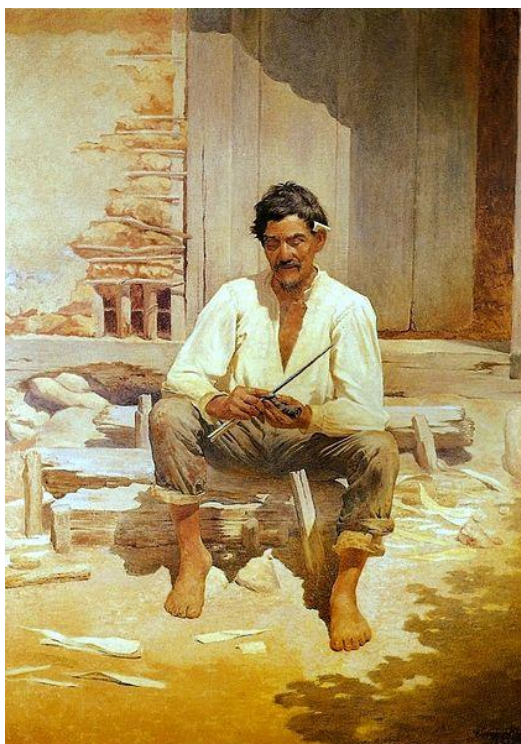
Neste modelo de ensino utilizavam a metodologia reprodutiva², onde um modelo de obra era apresentado pelo professor e o aluno copiava repetidas vezes com o objetivo de conseguir copiar exatamente os modelos apresentados pelos professores, valorizando o resultado final, que aprimorava o conhecimento técnico e valorizavam a habilidade manual desenvolvida, não havendo espaço para criação dos alunos em suas produções. Neste modelo de ensino o professor era considerado o único possuidor do saber, e não se tinha a possibilidade do artista à oportunidade de explorar as possíveis relações entre as linguagens da arte.

Vale ressaltar que neste subcapítulo, quando trato de modelo de ensino, metodologias e ensino escolar me refiro exclusivamente ao ensino da arte.

Dentre os artistas que estavam como aluno na Academia, evidencia-se o artista José Ferraz de Almeida Junior (1850- 1889). Apesar de suas obras seguirem rigorosamente os padrões impostos pela Academia, podia-se perceber a originalidade do artista em suas obras – diferentemente de outros alunos da Academia. O artista Almeida Junior retratou, com traços do realismo, a cultura caipira e o cotidiano do Brasileiro daquela época, como podemos perceber na figura 08.

² Termo utilizado por Ferraz (2009)

Figura 08: Caipira picando Fumo, pintura de Almeida Junior, 1893



Fonte: http://4.bp.blogspot.com/-mfDHRD8Mcjg/Til4kzUDGbl/AAAAAAAAA-8/SBr54_uL_PM/s1600/426px-Caipira_picando_fumo.jpg Acesso em 24 de setembro de 2016

Nesta produção de Almeida Junior (fig. 08), podemos ver retratada a vida de um Caipira no período Colonial, percebe-se elementos ensinados na Academia de Belas Artes como a projeção de luz e sombra – exigências impostas para os alunos em suas obras.

Nestas produções, os alunos reproduziam de acordo com as exigências e padrões de seus professores, limitando-se estas produções as artes visuais. Mas posteriormente, as diversas linguagens da arte foram incluídas do ensino artístico como a Música e Canto Orfeônico, mas utilizava-se da mesma metodologia do ensino do desenho. Possuía um modelo europeu e o aluno reproduzia exatamente o que o professor ensinava para que o aluno tivesse as noções necessárias de música consideradas apropriadas.

Com relação à música, que era a manifestação artística preferida da corte portuguesa, somente a partir de 1854 é que foi estabelecido oficialmente o seu ensino nas escolas brasileiras, pois até o momento, fazer música na escola significava principalmente cantar seguindo as formas e temas europeus. (FERRAZ, 2009, p. 44).

Ao final do século XIX com a proclamação da República Brasileira em 15 de novembro de 1889, mudanças afetaram o meio artístico cultural. Diversos artistas estavam descontentes com o modelo estético artístico imposto pela Academia Real de Belas-Artes. Diante disso, estes artistas criaram o Ateliê Livre (1889), onde se buscava para as produções de arte e o seu ensino ideias modernistas.

Se a contestação dos métodos de ensino tradicionais da Academia Real, depois Escola Nacional de Belas-Artes, marcou o cenário artístico brasileiro do final do século XIX, com a fundação do Ateliê Livre, não chegou, contudo, a abalar seriamente os rumos do ensino de Arte no país. Somente em 1922 um acontecimento de grande repercussão iria provocar o início de transformações significativas não apenas na Arte, mas no panorama cultural brasileiro como um todo. (MAZZAMATI, 2012, p. 38).

Segundo Mazzamati (2012) o Ateliê Aberto não causou grande impacto no modelo artístico cultural vigente no período. Mas no ano de 1922, um grupo de artistas, fruto das discussões e ideias nestes ateliês e impulsionados pelos intelectuais modernistas, aconteceu em São Paulo um evento cultural conhecido como a Semana de Arte Moderna. Envolvidos neste marco estavam o escritor Oswald de Andrade, poeta e pintor Menotti Del Picchia, a pintora Anita Malfatti, o poeta Manuel Bandeira entre outros. Estes artistas buscavam com este evento, ampliar as possibilidades no ensino e aprendizagem da arte no Brasil.

A semana de Arte Moderna ampliou as possibilidades para o desenvolvimento do ensino de Arte no Brasil, num momento em que as ideias regradas da Academia e, portanto, sua forma de ensinar, não combinavam mais com a difusão do modernismo. (MAZZAMATI, 2012, p. 39).

Este movimento da semana de Arte Moderna tem sua devida repercussão, quando diversas mudanças no cenário político do Brasil atingem diretamente a Academia de Belas Artes, quando é reestruturada a direção da instituição. E o novo diretor Lúcio Costa (1902-1998) propõe a propagação da arte moderna do país. Outras mudanças surgem no cenário da educação no Brasil como leis e políticas.

Com Getúlio Vargas na presidência, a partir da Revolução de 1930, o Brasil entra na era que alguns historiadores chamam de Segunda República. No início de seu governo, Vargas propõe reformas para o país que contemplam também mudanças na educação. Foram assim introduzidas políticas públicas inovadoras, como a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino elementar e a criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde

Pública. Em 1934, a Constituição estabeleceu a necessidade de um Plano Nacional de Educação. (MAZZAMATI, 2012, p. 39).

Em meio a estes movimentos e mudanças em meados de 1930, surge no Brasil a Pedagogia Nova ou Movimento da Escola Nova, onde traz uma pedagogia renovada com reformas para o modelo de ensino-aprendizagem. Neste modelo de ensino buscava-se para o aluno a possibilidade de expressão livre onde se entendia que cada criança possuía o seu tempo de aprendizagem e desenvolvimento vendo-a como um ser individual pertencente a um coletivo.

Na escola Nova, a ênfase é a expressão como um dado subjetivo e individual que os alunos manifestam em todas as atividades, as quais passam de aspectos intelectuais para afetivos. A preocupação com o método, com o aluno, seus interesses, sua espontaneidade e o processo do trabalho caracterizam uma pedagogia essencialmente experimental, fundamentada em novos estudos pedagógicos, filosóficos e psicológicos. Foram importantes no desenrolar desse movimento as reflexões assentadas nos trabalhos de psicanálise, psicologia cognitiva e gestalt. (FERRAZ, 2009, p. 47)

Na Escola Nova, valorizava-se o desenho a espontaneidade do aluno em sua produção ao invés da metodologia reprodutiva. Este movimento também trouxe outras mudanças para o ensino escolar artístico, como o Decreto Federal n. 51.215 de 21/8/1961³, que determina a introdução da Educação Musical nos jardins-de-infância, nas Escolas Pré-Primárias, Primárias, Secundárias e Normais. O objetivo era desenvolver nos alunos o ritmo e a expressão corporal, mas não só através do canto Orfeônico como inicialmente, mas por meio de danças e cantigas folclóricas nacionais. Como nesta época, no Brasil, haviam poucos professores graduados nas linguagens da Música, Artes Plásticas, Desenho e Teatro para lecionarem o ensino da arte nas escolas, fazendo com que, por necessidade, surgissem novos cursos de licenciatura para estas áreas.

Na proposta escolanovista, buscava-se para o ensino-aprendizagem da arte proporcionar para o aluno a experimentação e a sua individualidade quanto ser criativo. Neste contexto diversos artistas brasileiros, como Anita Malfatti, Flávio de Carvalho, Osório Cesar e Mário de Andrade, sentiram-se impactados pelas produções artísticas dos alunos. Tendo o escritor Mário de Andrade uma coleção de desenhos produzidos por diversas crianças. Segundo Barbosa (2003):

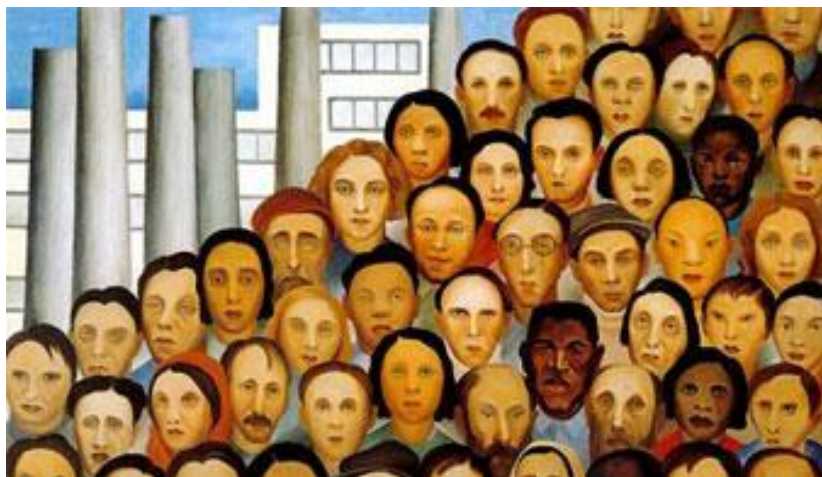
³ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-51215-21-agosto-1961-390857-publicacaooriginal-1-pe.html> > acesso em 19setembro de 2016.

No tocante às teorias e práticas estéticas, a pedagogia escolanovista rompe com as cópias de modelos, e parte para a criatividade e a livre-expressão. A estética moderna privilegia a inspiração e a sensibilidade, acentuando o respeito à individualidade do aluno (BARBOSA, 2003, s/p)

O modelo de ensino Escolanovista contava com a participação de diversos artistas como Candido Portinari (1903-1962), Anita Malfatti (1889-1964), Manuel Bandeira (1886-1968) e Tarsila do Amaral (1886-1973) a qual em uma das suas produções artísticas afirma a situação política do Brasil.

Tarsila do Amaral, produziu a pintura Operários (Fig. 09) a qual representa o momento político econômico e industrial da época, onde o Brasil vive a fase de industrialização criando um grupo de operários nas cidades grandes como São Paulo. A artista retrata na obra através dos diversos rostos uma diversidade cultural de classe econômica precária, todos desenhados em um único plano. Estes operários representados na obra possuem uma expressão cansada e triste devido à exploração para o trabalho.

Figura 09: Operários1933, de Tarsila do Amaral. Óleo sobre tela, 150 cm x 230 cm



Fonte: <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/05/22/934979/conheca-operarios-tarsila-do-amaral.html>

Devido às mudanças econômicas, sociais, políticas e industriais em diversos países, na segunda metade do século 20, este modelo de ensino é substituído pela Pedagogia Tecnicista a qual ganha espaço na Educação Básica do Brasil mais especificamente a partir de 1960, que tem sua oficialização como método

de ensino com a Lei 5692/71⁴ onde determina que somente pessoas habilitadas pelos cursos de graduação de ensino superior em Licenciatura poderiam assumir e prestar serviço na área da educação, incluindo à Educação Artística. Na escolanovista os planejamentos de aula envolviam com grande frequência o uso dos materiais didáticos como livros e apostilas.

A dinâmica do ensino e da aprendizagem não é questionada, pois o elemento principal é o sistema técnico de organização da aula e do curso. Orientados por uma concepção mais mecanicista, os professores brasileiros passaram a tratar seus planejamentos e planos de aulas centrados nos objetivos que eram operacionalizados de forma minuciosa. Com isso, podiam verificar as mudanças nos comportamentos dos alunos segundo o estabelecido nesses objetivos, e assim atender às normas sociais. Faz parte ainda desse contexto tecnicista a recomendação do uso abundante de recursos tecnológicos, audiovisuais, sugerindo uma “modernização” do ensino. (FERRAZ, 2009, p. 52).

Em contraproposta, entre 1961/1964, Paulo Freire desenvolve um trabalho no qual visa uma reformulação na proposta pedagógica escolar a qual compreenda o aluno como sujeito crítico participante na construção da história, reconhecendo-a como crítico-social. Nesta pedagogia, os planos de aula envolviam questões nacionais mesclando o conhecimento de arte com questões sociais e políticas fazendo assim uma pedagogia crítica e pensante a qual permitia ao aluno expressar-se sobre diversos temas os quais envolviam a realidade do aluno e da escola.

Desse modo, a educação seria fundamental para forjar uma nova mentalidade, trabalhar para a conscientização do homem brasileiro frente aos problemas nacionais e engajá-lo na luta política. Para Paulo Freire, essa atuação junto ao sujeito oprimido, aquele que não aparece, nem tem voz na sociedade – mas também produz cultura -, só se daria com a busca de conhecimento de cada comunidade e o comprometimento educacional. A comunidade permaneceu, então, como ponto de partida e ponto de chegada de sua prática. Daí as teses do ensino regionalizado, comunitário, ligado aos costumes e a cultura do local de vida da população a ser educada. (FERRAZ, 2009, p. 54)

Mas nos anos 80, após o fim da ditadura militar, surge o movimento de arte-educação. O qual visa à importância da arte enquanto disciplina e conhecimento.

⁴ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html> >acesso em 26, de setembro de 2016.

A partir dos anos 80 constitui-se o movimento Arte-Educação, inicialmente com a finalidade de conscientizar e organizar os profissionais resultando na mobilização de grupos de professores de arte, tanto da educação formal como da informal. O movimento Arte-Educação permitiu que se ampliassem as discussões sobre a valorização e o aprimoramento do professor, que reconhecia o seu isolamento dentro da escola e a insuficiência de conhecimento na área. As idéias e princípios que fundamentam a Arte-Educação multiplicam-se no País por meio de encontros e eventos promovidos por universidades, associações de arte-educadores, entidades públicas e particulares, com o intuito de rever e propor novos andamentos à ação educativa de Arte (BRASIL, 2001, p. 30).

Foi em decorrência deste movimento que uma conquista importante ocorreu com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996), que estabeleceu que:

O ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (Art. 26, §2º)

Tornando obrigatório o ensino da arte enquanto disciplina no currículo escolar, entendendo-se assim a necessidade deste conhecimento compor o currículo escolar, fazendo com que também surgissem os documentos norteadores para o ensino da arte dentro das escolas desenvolvidos pelo Ministério da Educação - MEC. Sendo estes os Parâmetros Curriculares Nacionais – os PCN. O qual um ano após á implementação da lei, em 1997, tendo uma parte específica para área de Arte, expressa seu objetivo, no sentido de que:

O documento de Arte expõe uma compreensão do significado da Arte na educação, explicitando conteúdos, objetivos e especificidades, tanto no que se refere ao ensino e à aprendizagem, quanto no que se refere à arte como manifestação humana. (BRASIL, 1997, p.11)

E neste contexto, onde está a interdisciplinaridade?

Embora em diversos países como Canadá e França a interdisciplinaridade já fosse alvo de discussões e pesquisas, somente em meio á estas reformas pedagógicas acontecendo na educação brasileira, a partir dos anos 70⁵, vê-se a necessidade de uma práxis interdisciplinar nas escolas, ainda que não fosse totalmente compreendida pelos envolvidos neste contexto, seguindo assim também na década seguinte.

⁵ Fonte da Informação: FAZENDA, I. C. A. **Dicionário em construção: Interdisciplinaridade**. 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

Mas com diversos centros de pesquisa no mundo e obras escritas visando o assunto em questão, no final dos anos 90, no Brasil a interdisciplinaridade passa a se tornar parte integrada da educação. Segundo Fazenda (2002), a interdisciplinaridade “deixa de ser questão periférica para se tornar objeto central dos discursos governamentais e legais.”

Em resposta á esse processo histórico e estudos aprofundados a cerca das metodologias e práticas educacionais, o ensino da arte na contemporaneidade obtêm visibilidade e tem-se tornado alvo de discussões e pesquisas.

2.3 O ENSINO DA ARTE HOJE

Alcançado status de disciplina obrigatória no currículo escolar em 1996 e tendo em vista o processo histórico do ensino da arte e as transições de metodologias no ensino escolar, reconhece-se que o processo de idealização de ensino continua, mas os avanços são notórios e satisfatórios.

Diferentemente dos modelos metodológicos anteriores, atualmente não existe uma verdade única onde somente o professor é portador de todo conhecimento inibindo o aluno de expressar seus saberes de utilizar-se de sua bagagem de experiências. Para Silvia Pilloto “neste movimento não há lugar para verdades absolutas, nem para a separação entre as questões relacionadas à arte e ao contexto histórico-cultural.” (2008, p. 36). Segundo a autora em nosso modelo de ensino nos utilizamos de uma abordagem sociocultural, onde levamos em consideração, ao prepararmos o planejamento de aula, a realidade social do aluno e suas experiências. Atualmente existe uma linha tênue entre o ensino da arte e o contexto histórico cultural do aluno. Segundo Pillotto (2002, p. 39):

Dessa forma é possível aprender e conhecer os códigos subjetivos da arte e relacioná-los às nossas experiências, dando forma e sentidos diferenciados e únicos a partir da forma como os vemos e como os internalizamos. Nesse caso, perceber o mundo significa uma atitude estética, ou seja, através e pela arte podemos aprender a ver todas as coisas de uma forma especial, superando os limites da não compreensão para uma compreensão ainda que subjetiva de nós mesmos. (PILLOTTO, 2002, p.39)

E o que visa já não é mais o resultado final produzido pelo aluno, mas sim, visamos o processo criativo, já que não nos apropriamos mais da metodologia da repetição, mas sim da expressão e imaginação do aluno a partir do conhecimento

científico da arte.

Em aula de Arte (mais especificamente nas aulas de Música, Artes Plásticas, Desenho, Teatro, Dança), espera-se que os estudantes vivenciem intensamente o processo artístico, acionando e evoluindo em seus modos de fazer técnico, de representação imaginativa e de expressividade. Ao mesmo tempo, espera-se que aprendam sobre outros autores, artistas, obras de arte, complementando assim seus conhecimentos na área. (FERRAZ, 2010, p. 68)

Segundo a autora, Ferraz (2010), o conhecimento artístico é um conhecimento holístico, envolvendo as diversas linguagens, reconhecendo a arte, atualmente como um conhecimento interdisciplinar. Atualmente buscamos em nossos planejamentos para a aula de artes, permitir que o aluno explore sua criatividade e a projete como realidade. Neste ponto encontro-me com Marcya Vasconcellos, a qual, afirma que “por meio dela, a imaginação humana poderia se tornar concreta. [...] A arte expressa o sentir, concretizando os sentimentos de uma forma que possam ser percebidos.” (VASCONCELLOS, 2006, p. 41).

O ensino da arte na contemporaneidade traz algumas pontualidades que se fazem necessárias para se obter uma prática docente que atenda as principais necessidades da atualidade. Estando o ensino da arte presente nos diversos níveis de ensino como a Educação Infantil, fundamental I e II e Ensino Médio, fazem-se necessária a análise dos documentos norteadores e das leis vigentes para suas práticas.

Em decorrência de todo processo histórico social, se faz necessário uma práxis educacional onde se entenda o aluno como ser individual, mas participante do coletivo, trazendo assim o reconhecimento da diversidade. De acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina:

Entende-se a diversidade como característica da espécie humana: seres humanos são diversos em suas experiências de vida históricas e culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo. (SANTA CATARINA, 2014, p.51)

Apesar dos esforços para romper com os modelos externos e metodologias de ensino antigas, e trazer a tona esta diversidade, somente após a

Lei n. 10.639 de 2003⁶ que se reconheceu de fato nossa herança cultural. Esta lei aponta para a obrigatoriedade no ensino escolar sobre a temática história e cultura Afro-Brasileira. Esta reconhece a história da nossa pátria, um país colonizado por Europeus, mas que já era habitado pelos índios e que devido à esta colonização aconteceu à escravidão com os afro-descentes em nossas terras. Esta lei diz que se deve ensinar este reconhecimento histórico, nas disciplinas de história, literatura e na aula de Artes independente do nível de ensino, pois entende-se que o ensino da arte tem como objetivo promover cultura aos nossos alunos, os quais se entendem como seres sociais e individuais, participantes dessa história.

De acordo com o documento citado, a lei diz que:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003)

No ano de 2008, no ensino escolar no Brasil, viu-se a necessidade de reforçar estes valores preconizados pela Lei, criando-se, mais uma reformulação, assim a Lei n. 11.645 de 2008⁷ é específica para o ensino da cultura indígena, destacando também a cultura afro-brasileira. Esta lei reconhece a importância destes povos para a construção da nossa identidade nacional e parte da nossa diversidade. Assim se determina:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (BRASIL, 2008)

⁶ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm

⁷ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

Valendo estas questões também para a Educação Infantil já que o artigo 4º da Resolução CNE/CEB nº 5/2009 diz que:

As propostas pedagógicas da educação infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.⁸ (BRASIL, 2009, p. 1)

Tendo em vista a concepção de infância, na qual reconhece a criança como produtora cultural, o ensino da arte traz para a atualidade um eixo articulador de prática de ensino em sala de aula. Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI)⁹, neste eixo existem três aspectos que o compõe: Fazer artístico onde a arte possibilita que a criança coloque seu aprendizado artístico em prática. O segundo aspecto é a apreciação estética, onde a criança observa a obra e desenvolve sua percepção e análise de detalhes, para assim conhecer e reconhecer obras e artistas. E terceiro e último aspecto é a reflexão, para instigar as crianças no pensar nos conteúdos que envolvem o objeto artístico. Assim espera-se o aluno torne-se conhecedor e leitor crítico dos objetos artísticos como fundamentais para sua formação cultural.

Outra pontualidade reconhecida pelos documentos é a Interdisciplinaridade, já que no ensino atual das escolas brasileiras, se faz necessária práticas pedagógicas, em diferentes disciplinas, inclusive na aula de Artes. Os documentos norteadores para a aula de Artes, como PCN, Proposta Curricular de Santa Catarina¹⁰, apontam para a prática interdisciplinar. Neste caminho o PCN de Arte apresenta que:

Uma das modalidades de orientação didática em Arte é o trabalho por projetos. Cada equipe de trabalho pode eleger projetos a serem desenvolvidos em caráter interdisciplinar, ou mesmo referentes a apenas uma das linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro). (BRASIL, 1998, p. 101)

⁸ Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192

⁹ Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf

¹⁰ Disponível em: http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/site/Proposta_Curricular_final.pdf

Assim como alguns livros, pertencentes ao acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola¹¹, que falam sobre o ensino da arte, são cedidos pela Prefeitura de Criciúma/SC para suas escolas municipais, trazem em si um diálogo sobre a arte e a interdisciplinaridade. Dentre os livros PNBE, destaco Mödinger (2012), o qual defende que:

Estudos interdisciplinares e novos modos de trabalho cooperativo baseados na investigação questionam e, até mesmo, pressionaram e forçam os limites tradicionalmente impostos pelas disciplinas escolares, acenando com alternativas para que a escola possa enfrentar os desafios da atualidade. As múltiplas informações com as quais temos que lidar no nosso cotidiano e a complexidade dos problemas que precisamos enfrentar não são mais compreendidas pela análise de suas partes, mas por meio de olhares multidimensionais e relacionais, entendendo-se que, para conhecer o todo, tão ou mais importante do que conhecer as partes é conhecer a relação entre elas. A interdisciplinaridade, considerada como uma estrutura de aprendizagem, pressupõe um ensino para a compreensão, baseada no estabelecimento de relações que favoreçam o desenvolvimento da capacidade de compreender a informação em termos de conceitos e idéias, propondo novas perguntas. (MÖDINGER, 2012, p. 19)

Segundo o autor (2012), a interdisciplinaridade traz para dentro da sala de aula, um conceito de vida, onde é preciso ver um conhecimento, um problema, como um todo composto por diversas partes que conversam entre si, o qual se faz necessário na atualidade, que reconhecemos nossos alunos como sujeito histórico-cultural, pois “no mundo contemporâneo, com a onipresença da informação em tempo real e a proliferação de conhecimentos, a escola não dá conta de ensinar tudo. A própria noção de conhecimento está em transformação. ” (MÖDINGER, 2012, p. 50).

Com as mudanças sociais, passamos a ter alunos tecnológicos e vivemos conectados, por isso no ensino atual, esta transformação em diversas partes inclusive esta noção de conhecimento dita pelo autor (MÖDINGER, 2012) onde as ditas gavetas do conhecimento não atendem mais as necessidades. Assim tratando-se do ensino da arte, se faz necessária uma metodologia que explore as mais diversas possibilidades entre as suas linguagens e os mais diversos movimentos artísticos.

Neste viés conceitual, legitima-se uma arte na educação que está alerta para não discriminar as manifestações artísticas/expressivas. Não á lugar para um ensino da arte que elege uma fatia muito pequena da história da arte e das imagens de obras de arte. (RAMALHO E OLIVEIRA, 2008, p. 37)

¹¹Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/acervo-do-professor>

Considerando a educação um direito, garantido por lei, logo o ensino da arte também torna-se acessível a todos, ampliando assim as possibilidades de conhecimento para o aluno o qual é tido como histórico-cultural, ou seja, em nosso planejamento, devemos considerar a cultura e as manifestações dos alunos. Neste sentido Richter (2004, p. 51), contribui ao considerar que “[...] precisamos de um ensino da arte por meio do qual as diferenças culturais sejam vistas como recursos que permitam ao indivíduo desenvolver seu próprio potencial humano e criativo, diminuindo o distanciamento existente entre arte e vida.” Entendo assim o ensino da arte como uma forma de ampliar repertório, para alunos e professores, tanto artístico como cultural.

2.4 O PAPEL DO PROFESSOR DE ARTE

Ao analisarmos e discutirmos o papel do professor de arte surgem diversas inquietações acerca do assunto tendo em vista os acontecimentos atuais nas políticas e movimentos sociais. Dentro deste contexto escolar o professor de arte tem uma importante função ao atuar como docente a partir do objetivo do ensino da arte que se dá em promover o acesso a cultura para seus alunos.

Diante de novos espaços de formação e de inovação educacionais que se abrem hoje, a escola, mais do que lecionadora, deve ser gestora do conhecimento, e o professor, mais que um transmissor do conhecimento deve ser um animador, “um amigo do conhecimento” como dizia Sócrates, sobre o filósofo. (GADOTTI, 2000, p. 45).

Segundo Gadotti, (2000) o professor de arte deve ter esta apreciação pelo conhecimento internalizado em si de forma que a sua conduta por um todo, ensine arte. Tendo em vista que novos espaços de arte surgem a cada dia trazendo novas possibilidades. Por isso a importância do professor se reconhecer como um produtor cultural e se manter como professor pesquisador.

Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação. (BARBOSA, 2008, p. 14)

O professor de artes da atualidade lida com diversos conflitos em sua atuação diária como docente. A sua prática em sala de aula permeia as linguagens da arte, dúvidas a cerca da avaliação sobre a produção dos alunos, e a busca por romper com os estereótipos. Assim algumas questões se fazem presente em sua rotina em sala de aula, tais como: A arte tem a mesma importância das outras disciplinas? A aula de arte é para relaxar? Ou produzir “trabalhinhos” para expor na parede como enfeite para tornar a escola mais colorida? A cerca destas pontualidades recorro a Ana Mae Barbosa a qual afirma que:

Arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano (BARBOSA, 1991, p.4).

Estes questionamentos, apesar de retrógrafos, ainda persistem em nossa educação. Mesmo assim o professor se posiciona na intenção de contribuir para formação do aluno e a construção de um conhecimento integral e sensível, pois “não mais se pretende desenvolver apenas uma vaga sensibilidade nos alunos por meio da Arte, mas também se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da Arte.” (BARBOSA, 2008, p.17). A arte está incluída no currículo porque se faz necessária no contexto escolar, pois a arte é um produto do conhecimento histórico, cultural e científico.

Como professores de Arte temos de conhecer desde os conceitos fundamentais da linguagem da Arte até os meandros das linguagens artísticas em que se trabalha. Temos de saber como ela se produz – seus elementos, seus códigos – e também como foi e é sua presença na cultura humana, o que implica numa visão multicultural, na valorização da diversidade cultural. É preciso, ainda, conhecer seu modo específico de percepção, como se estabelece um contato mais sensível, como são construídos os sentidos a partir das leituras, como aprimorar o olhar, o ouvido, o corpo. (BARBOSA, 2008, p.52)

Neste novo contexto da educação vemos a necessidade cada vez maior do professor, inclusive o de artes, assumirem uma postura de aprendizagem¹². Diferentemente do período colonial, ou do modelo tecnicista se reconhece que o professor não é o único detentor de todo o conhecimento, uma vez que o mesmo é

¹² Segundo Silvia Sell Duarte Pilloto, aprendizagem é o conceito dialógico onde ao mesmo tempo em que o professor ensina ele aprende com seus alunos.

produzido pelas experiências do indivíduo, tornando assim a relação entre aluno e professor uma possibilidade de trocas de conhecimentos. A aprendizagem faz parte de uma atitude interdisciplinar, onde ocorre a troca de conhecimento entre todos os envolvidos na ação. Segundo Fazenda (2002)

A atitude interdisciplinar do professor deve ser construída pelo autoconhecimento inicial, refletindo sobre a sua própria prática educativa, procurando o significado para a sua vida e a de seus alunos, tornando-a um processo contínuo de construção de novos saberes, não abandonando as suas práticas coerentes e conseqüentes, mas atualizando-as e compartilhando-as com seus pares. O professor deve ser um provocador de dúvidas, um incitador a reflexões e questionamentos, uma pessoa que sabe o momento certo de interferir, mas que ao mesmo tempo aprende com seus alunos. (p.85-86)

Partindo desta linha de reflexão sobre o papel do professor de artes na contemporaneidade, onde a aprendizagem e a interdisciplinaridade contemplam uma postura que reconheça o aluno como ser individual, mas participante de um coletivo, vemos a urgência em um planejamento em arte que permita aos alunos desenvolverem autoria e autonomia através da experiência estética tendo como principal objetivo desenvolver uma consciência artística. Do ponto de vista interdisciplinar, segundo Tavares (1993):

O papel do professor é fundamental no avanço construtivo do aluno. É ele, o professor, quem pode captar as necessidades do aluno e o que a educação lhe proporcionar. A interdisciplinaridade do professor pode envolver e modificar o aluno quando ele assim permitir. (1993, p. 30)

Ser professor de artes é estar em constante busca e questionamentos, Pilloto (2008) afirma que “no sentido de aquietar essa dúvida maior: como se aprende na disciplina de artes? Qual o significado para a vida, de fato?” (p.38). Diante destes questionamentos e reflexões, percebo a necessidade de aprofundamento sobre a interdisciplinaridade, sendo assim destaco o capítulo a seguir.

3 INTERDISCIPLINARIDADE

Como vimos na breve história do ensino da arte apresentado no capítulo 02 (dois) a interdisciplinaridade é uma discussão relativamente nova para todas as áreas do conhecimento. Embora se compreenda como um todo, ainda é preciso aprofundar o assunto já que, segundo Fazenda, se podem ter diversas possibilidades de interpretação de como se sucede a interdisciplinaridade no ensino escolar.

O termo interdisciplinaridade não possui ainda um sentido único e estável e que embora as distinções terminológicas sejam inúmeras, seu princípio é sempre o mesmo: caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa (FAZENDA, 1995, p. 31)

Segundo a autora, a interdisciplinaridade consiste na integração dos conhecimentos, deixando de existir as caixas (FAZENDA, 1995). Para ela, cada disciplina, com seu conhecimento que contribuirão para a formação do aluno como sujeito crítico social. A escola, busca proporcionar para o aluno uma aprendizagem holística, onde cada disciplina contribui com seu aprofundamento específico.

A atitude interdisciplinar não está na junção de conteúdos, nem na junção de métodos; muito menos na junção de disciplinas, nem na criação de novos conteúdos produto dessas funções; a atitude interdisciplinar está contida nas pessoas que pensam o projeto educativo. Qualquer disciplina, e não especificamente a didática ou o estágio, pode ser articuladora de um novo fazer e de um novo pensar e formação do educador. (FAZENDA, 1995, p. 64).

A autora (1995) enfatiza que, para que o ensino interdisciplinar se concretize, nenhuma disciplina precisa lançar mão de sua especificidade já que se trata de um cruzamento de saberes. Nas especificidades das disciplinas se percebe um todo. E a arte, assim como todas as disciplinas, está incluída e se faz necessária para a construção de um conhecimento holístico¹³ para que o aluno tenha um alfabetismo crítico. É preciso que se possibilite ao aluno que compreenda a cultura em que está inserido e perceba a arte como parte desse processo.

¹³ Holístico: Significa totalidade. Considerar o todo levando em consideração as partes e suas inter-relações. Fonte; <http://www.dicionarioinformal.com.br/hol%C3%ADstico/> acesso em 05 de novembro de 2016

A interdisciplinaridade aparece nos documentos norteadores para a educação Básica, como na Proposta Curricular de Santa Catarina (2014), embora não como uma definição clara e objetiva:

O conhecimento construído, em sua totalidade interdisciplinar, tem sua relevância na medida de sua atualização, ou seja, com preocupação relativa à obsolescência diante da acelerada dinâmica dos processos científicos e sociais, mas com atenção à permanência do sentido formativo. (SANTA CATARINA, 2014, p 160)

O documento reconhece que o conhecimento é holístico e que a interdisciplinaridade trata da interação entre as áreas do conhecimento. Nele, a interdisciplinaridade é mais que uma ação, é uma postura, uma atitude, seria uma pedagogia de ensino. Apesar de estar sendo incluído nos documentos norteadores e ser defendida por diversos teóricos, é no discurso dos professores que a interdisciplinaridade encontra força.

Mas para compreender o processo de internalização da interdisciplinaridade na educação e o seu conceito, é preciso analisar o conceito de disciplina e de currículo. Segundo Japiassu (1976):

Por conseguinte, o que podemos entender por disciplina e por disciplinaridade é essa progressiva exploração científica especializada numa certa área ou domínio homogêneo de estudo. Uma disciplina deverá, antes de tudo, estabelecer e definir suas fronteiras constituintes. Fronteiras estas que irão determinar seus objetivos materiais e formais, seus métodos e sistemas, seus conceitos e teorias. Ora, falar de interdisciplinaridade é falar de interação de disciplinas. E disciplina, tal como entendemos, é usada como sinônimo de ciência, muito embora o termo disciplina seja mais empregado para designar o ensino de uma ciência ao passo que o termo ciência designa mais uma atividade de pesquisa. (1976, p. 61)

A especialidade de cada disciplina, implica no conhecimento de cada área específica. Desta forma é possível ter profissionais de diversas áreas com possibilidade de um estudo aprofundado em seus respectivos conhecimentos. Pois, o inverso disso seria defender um ensino polivalente¹⁴ o que acarretaria em um ensino reducionista para as diversas áreas do conhecimento. A interação de diferentes áreas do conhecimento possibilita uma ampla visão sobre as questões que nos cercam e um aprendizado por direito, nesse sentido entendo a

¹⁴ Polivalência: Versatilidade, multifuncional, multitarefa. Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/polival%EAncia/> acesso em 05 de novembro de 2016.

interdisciplinaridade.

Porém, a forma como o conhecimento fragmentado, é apresentada no currículo escolar, por diversas vezes apresenta deficiência no quesito de fazer com que as áreas de conhecimento sejam aparentemente desvinculadas e desconexas. Conseqüentemente, o aluno não percebe as inter-relações já pré-existentes entre as disciplinas. Segundo Fazenda (1999, p. 66) sobre a não compreensão do conceito de Interdisciplinaridade “origina-se ainda dos equívocos sobre o conceito de disciplina”.

Sendo assim a interdisciplinaridade vai encontrando seu espaço. Segundo Capra (2004), “o novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas.” (p. 25). A fim de produzir e apresentar ao aluno coerência entre as disciplinas, possibilitando maiores condições para que se aproprie dos conhecimentos.

3.1 O CONCEITO DE INTERDISCIPLINARIDADE E SUA HISTÓRIA

Não existe uma data definida para o surgimento específico da interdisciplinaridade, já que apesar de ainda não possuir a terminologia de Interdisciplinaridade, o conceito está em processo de formação tendo como ponto inicial, segundo Fazenda (2003) no período dos sofistas gregos, quando os filósofos e cientistas da época buscavam pelo domínio do saber e assim sucessivamente ao seu ensino. Neste modelo o ensino era tido como um todo, e foi o método de ensino utilizado durante séculos. Inclusive na era medieval o currículo era dividido em dois grupos - o trivium (gramática, retórica e dialética) e o quadrivium (aritmética, geometria, astronomia e música)¹⁵.

Porém em meados de 1760 e 1770, segundo Gusdorf (1983), este método de ensino é substituído pela fragmentação disciplinar dando início ao processo de formação curricular, a qual se utiliza atualmente. Com o desenrolar dos anos diversas mudanças ocorreram na educação, mas somente nos anos 60, na Europa – Itália e França, que interdisciplinaridade conquista seu espaço.

¹⁵ Fonte: http://www.ppgec.unb.br/images/sampled_data/dissertacoes/2007/versaocompleta/jairocarlos.pdf

Na década de 1970, basicamente, os estudos da interdisciplinaridade se direcionaram à estruturação de conceitos, já que era uma palavra difícil de ser pronunciada e compreendida. Com o seu surgimento na Europa – França e Itália – na década de 1960, incitou a construção de uma nova concepção de ciência/conhecimento/educação. A interdisciplinaridade vem aparecer em meio ao cenário dos movimentos estudantis, para reforçar o não esfacelamento dos saberes, apoiada na “totalidade” – sua categoria mobilizadora. (FAZENDA, 2003. p. 18)

Junto com o percurso do ensino da arte no contexto escolar surgiu discussões sobre melhorias nas práticas de ensino, trazendo à tona a pedagogia da interdisciplinaridade¹⁶. Tendo em vista as discussões em torno da Educação Básica, a partir da década de 70, percebia-se a necessidade de se ter um ensino interdisciplinar, mas ainda não se tinha um conhecimento aprofundado e um estudo apurado para que se compreendesse esta nova proposição para o currículo. Ainda na década de 80, o número de pesquisas da área da interdisciplinaridade era reduzido.

Portanto no início dos anos 90, surgem nos centros de referência em educação diversos grupos de pesquisa com interesse na interdisciplinaridade na educação, como o Grupo de Pesquisa sobre Interdisciplinaridade na Formação de Professores (GRIFE) no Canadá e o Centro Universitário de Pesquisas Interdisciplinares em Didática (CIRID) na França. No Brasil diversas discussões em eventos de formação tinham o objetivo de aprofundar o assunto.

O início da década de 90 caracteriza-se pela idéia de interdisciplinaridade, tema-chave dos mais representativos eventos sobre formação de educadores, tais como as últimas reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (Anped), dos Encontros Bienais de Professores de Didática e Prática de Ensino (Endepe) ou da conferência Brasileira de Educação (CBE). (FAZENDA, 1995, p. 14).

Devido às diversas mudanças no quadro da educação brasileira, e com o movimento arte-educação em vigência, a interdisciplinaridade começa a encontrar espaço nos grupos de pesquisa no Brasil.

Em 1986, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob coordenação de Ivani Fazenda, criou o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Interdisciplinaridade na Educação (GEPI), produzindo mais de cinquenta pesquisas sobre diferentes aspectos da educação. Esse grupo

¹⁶ Pedagogia da interdisciplinaridade: Termo utilizado por Japiassu (1976) o qual também se utiliza do termo metodologia interdisciplinar, apresentando assim a interdisciplinaridade como parte elementar do processo de ensino nas escolas presente nas diversas disciplinas.

iniciado na PUC-SP disseminou-se para outras universidades, tais como a Universidade da Cidade de São Paulo (Unicid), que oferece mestrado em Educação, cujo núcleo temático é Interdisciplinaridade, Formação e Aprendizagem e conta com o Núcleo Emergente de Pesquisa Interdisciplinar (NEPI). (FAZENDA, 2002, p. 13)

A interdisciplinaridade no Brasil ganha espaço em eventos de formação de educadores, inclusive nos anos 90 foi um dos temas mais comentados no Congresso Estadual Paulista sobre formação do Educador rumo ao século XXI (FAZENDA, 1993). Atualmente a interdisciplinaridade conquistou espaço e repercussão no campo da educação e acadêmico. Sendo assunto de discussão em Universidades, especificamente nos cursos de licenciatura. Pode-se assim citar o exemplo a Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, que no seu Mestrado em educação oferece uma disciplina de Interdisciplinaridade.¹⁷ Outro exemplo claro da evidencia da interdisciplinaridade é a preconização dos documentos norteadores da educação quanto a prática interdisciplinar, como já citados ao longo desta pesquisa.

Neste processo histórico, diversos autores se destacam na pesquisa da interdisciplinaridade e seu conceito. Dentre estes, Japiassu (1976), brasileiro com pós-doutorado em Filosofia, o qual desenvolveu uma pesquisa sobre a *Interdisciplinaridade e a Patologia do Saber*, o consagrando como o pai da interdisciplinaridade. Em sua obra, Japiassu (1976) afirma que:

Todavia, quando aplicamos a crítica epistemológica às ciências humanas, na medida em que elas se fazem e em suas condições concretas de desenvolvimento, de construção e de estruturação, encontram-nos imediatamente diante desta exigência: nada mais á que nos obrigue a fragmentar o real em compartimentos estanques ou em estágios superpostos, correspondendo às velhas fronteiras de nossas disciplinas. Pelo contrario, tudo nos leva a engajar-nos cada vez mais na pesquisa de aproximações, das interações e dos métodos comuns às diversas disciplinas. (p.40)

Segundo o autor (1976), a interdisciplinaridade seria o cumprimento desta exigência: conhecimento deixar de ser visto como fragmentado e estagnado, mas sim como um todo, que apesar das suas diversas especificidades, elas possuem uma relação entre si, e reconhecendo o conhecimento como algo construtivo e não inato. Também se faz necessário perceber que este conhecimento se constrói a

¹⁷ Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/capa/index/476/8235/> acesso em 05 de novembro de 2016

partir das suas relações, pois, nenhum conhecimento, segundo Japiassu (1976) é isolado. Partindo desta linha de pensamento, outro nome que se destaca na pesquisa interdisciplinar é Ivani Fazenda, Mestre em Filosofia e doutora em Antropologia Cultural, dedicando-se a pesquisa de interdisciplinaridade desde o ano 1970.

Em uma de suas obras, *Dicionário em construção* (2002), juntamente com outros autores na qual esteve como organizadora, traz algumas pontualidades para se desenvolver um trabalho interdisciplinar no contexto escolar. Segundo a autora “cinco princípios subsidiam uma prática interdisciplinar: humildade, coerência, espera, respeito e desapego.” (FAZENDA 2002, p. 11).

Afim que de se estabeleça relação entre os docentes envolvidos, humildade no que diz a não depreciação das diversas áreas mas reconhecer cada qual com a mesma importância. Coerência é o que “dá consistência ao olhar, ao agir e ao falar.” (2002, p. 37).

A espera consiste no conhecimento como construtivo, ele não é inato em nossos alunos, por isso a espera/amadurecimento. O respeito aponta para um trabalho em parceria que se desvie dos estereótipos reducionistas da educação. E por fim, ao desapego, a autora destaca a mente aberta para novos conceitos e saberes.

Ao longo da história da interdisciplinaridade e com o número de pesquisas envolvidas no assunto, diversas compreensões sobre o tema surgiram, podendo ser consideradas válidas já que segundo Fazenda (1993), não possui uma definição absoluta fazendo com que o conceito de interdisciplinaridade assumisse um caráter polissêmico¹⁸. Sendo assim apresento as possíveis compreensões de interdisciplinaridade.

- Interdisciplinaridade heterogênea: Como a palavra heterogênea sugere, esta compreensão se resume, segundo Japiassu (1976), a somatória de informações dosadas de diversas disciplinas, fazendo assim, uma composição com elementos/informações diferentes.

- Pseudo-interdisciplinaridade: Segundo Japiassu (1976) esta compreensão pode ser tachada de falsa interdisciplinaridade já que a relação só acontece nas disciplinas que possuem o maior número de similaridades. Exemplo: a

¹⁸ Palavra ou expressão que possui mais de um significado. Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/poliss%C3%AAmico/> acesso em 05 de novembro de 2016

matemática só se relacionaria com a física. Sendo uma disciplina deve ser soberana no momento de planejar – os outros conhecimentos considerados apenas ferramentas.

- Interdisciplinaridade auxiliar: neste contexto, destaco Follari (1995) o qual figura esta forma de interdisciplinaridade quando uma disciplina se apropria de um conceito pertencente á outra área de conhecimento. Esta interdisciplinaridade costuma ser de curto prazo.

- Interdisciplinaridade compósita: Nesta prática, a efetivação acontece para que tenha fins de resolver problemas atuais no período em que é exercido, como por exemplo: discutir temas como: poluição, segurança, problemas sociais (fome; desemprego), utilizando o conhecimento como ferramenta.

- Interdisciplinaridade unificadora: Esta compreensão é a considerada legítima por Japiassu (1976) e a mais discutida ao longo desta pesquisa. Pois a interação nos conteúdos ocorre no campo teórico, trazendo a tona a compreensão de que o conhecimento já não pertence mais somente a uma área, mas de um saber coletivo, descaracterizando assim o fechamento e isolamento das disciplinas. Sendo esta também a reconhecida pelos documentos norteadores.

Na perspectiva escolar, a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um fenômeno sob diferentes pontos de vista. Em suma, a interdisciplinaridade tem uma função instrumental. Trata-se de recorrer a um saber útil e utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos (BRASIL, 2002, p. 34-36).

Nas compreensões de interdisciplinaridade apresentada e nas concepções de diferentes autores aqui dialogadas, e relação entre conhecimentos um fato da interdisciplinaridade, independente da definição adotada. Para Fazenda (1993):

Apesar de não possuir definição estanque, a interdisciplinaridade precisa ser compreendida para não haver desvio na sua pratica. A idéia é norteada por eixos básicos como: a intenção, a humildade, a totalidade, o respeito pelo outro etc. o que caracteriza uma prática interdisciplinar é o sentimento intencional que ele carrega. (p.34)

Sendo assim, para finalizar esta parte destaco também, o nome de Edgar Morin – sociólogo e filosofo francês - em sua obra os Sete Saberes Necessários

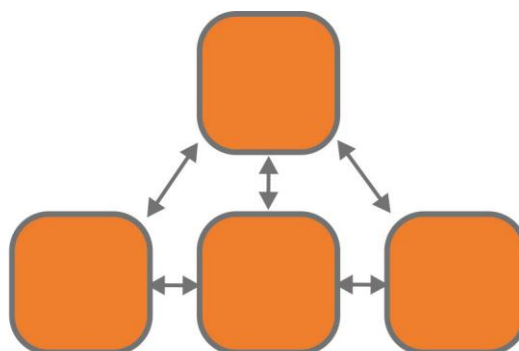
para a Educação do Futuro onde traz algumas reflexões acerca das necessidades que a escola da atualidade precisa ser submetida, dentre elas, apresentada ainda que de forma subjetiva pelo autor, Morin (2006) afirma:

O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido. Para ter sentido, a palavra necessita de texto, que é próprio do contexto, e o texto necessita do contexto no qual se enuncia. Desse modo, a palavra amor muda de sentido no contexto religioso e no contexto profano, e uma declaração de amor não tem o mesmo sentido de verdade se é anunciada por um sedutor ou por um seduzido. (p. 36)

O contexto em que a informação ou conceito a ser ensinado pode ser diferente do ponto de vista a ser analisado, por isso, segundo Morin (2006), para uma escola com um modelo de ensino ideal, um conhecimento não deve ser visto de forma isolada, complementando assim as reflexões de Japiassu (1976) e Ivani Fazenda (2002) aqui apresentados e analisados.

Esta forma de ensino pode ser visualizada, na figura 10. Na qual cada quadro representa uma disciplina, que mantém sua especificidade, porém se inter-relaciona com as demais disciplinas do currículo. Ocorrendo assim a interação e um diálogo dos conhecimentos do currículo escolar.

Figura 10 – Esquema de Interdisciplinaridade



Fonte: <https://osmurosdaescola.files.wordpress.com/2011/07/inter1-1.jpg> acesso em 02 de novembro de 2016

Sendo esta a base da interdisciplinaridade: a inter-relação entre os conhecimentos e conceitos de diferentes áreas. Existe, assim, um todo possuidor de partes as quais não se auto-sustentem sem este conjunto. Segundo o autor Morin (2006), quando isso é compreendido, o ensino escolar atinge qualidade.

O global é mais que o contexto, é o conjunto das diversas partes ligadas a ele de modo inter-retroativo ou organizacional. Dessa maneira, uma sociedade é mais do que um contexto: é o todo ao mesmo tempo organizador e desorganizador de que fazemos parte. O todo tem qualidades ou propriedades que não são encontrados nas partes, se estas estiverem isoladas das outras, e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes do todo. (p. 37)

Logo, tendo em vista que o próprio ser humano é feito de inter-relações, somos feitos de nossas profissões, família, crenças e religiões. Pertencente á um grupo com diversos indivíduos também possuidores de suas próprias relações. Sendo assim, se faz necessário que as áreas de conhecimento do contexto escolar também tenham essa consciência de inter-relações, uma consciência interdisciplinar.

3.2 A INTERDISCIPLINARIDADE E A ARTE

Quando falamos em interdisciplinaridade, podemos pensar que esteja presente somente no campo da educação. Quando a mesma pode estar presente em diferentes campos do conhecimento como na área da saúde, engenharias e também na arte.

Figura 11: David, 1501-1504, Michelangelo Buonarroti, Mármore de carrara, Florença - Itália



Fonte: <http://historyofinformation.com/images/david.jpg> aceso em 01 de novembro de 2016

A exemplo da Figura 10 (dez), podemos ver uma obra de arte conceituada do artista Michelangelo Buonarroti, artista do período Renascentista europeu. Nesta obra é possível perceber alguns elementos da arte como proporção, equilíbrio, entre outros. Mas também visualizamos na estética da obra a apropriação da anatomia humana, conhecimento de outra área - da saúde ou do esporte, por exemplo.

Essa inter-relação de áreas e conhecimentos é um exercício da interdisciplinaridade na atuação do artista. Sendo possível perceber a interdisciplinaridade em diferentes épocas na atuação de diversos artistas, como:

No portal do Renascimento, Michelangelo Buonarroti, para aprender a figura, se aproximou dos médicos anatomistas. Enquanto isso, Leonardo da Vinci, para compreender a razão da natureza visível, buscou a competência dos cientistas óticos. Na efervescência modernista, Marcel Duchamp, para redefinir a arte, se instrui na cotidianidade, ainda que sintática-semanticamente. Por outros caminhos, Salvador Dali, de modo a aludir a sua paranóia crítica, foge do real sensível para adentrar no labirinto da mente. Em tempos contemporâneos, Andy Warhol, para elogiar/criticar a indústria cultural, se transforma, ele próprio, numa celebridade. Por sua vez, Joseph Beuys, diante da ambição do artista social, cria uma universidade livre. Em tempo real: Anish Kapoor e a força das matérias ou Shirin Neshat e as relações interculturais. Mais próximos de nós: os mapas de Anna Bella

Geier, as experiências de Eduardo Kac e as relações com a tecnologia de Gilberto Prado. (RIZOLLI, 2010, p. 788)

Uma produção/obra de arte pode ser pensada de forma interdisciplinar?

A produção artística possui um caráter interdisciplinar, no que diz respeito à sua estética e compreensão de leitura. Sua interpretação não é algo estanque, mas de infinitas possibilidades, já que o sensível e a leitura da obra atuam na compreensão do sujeito portador do seu próprio repertório e experiências. Nas palavras de Roland Barthes:

Uma obra é eterna não porque impõe um sentido único a homens diferentes, mas porque ela sugere sentidos diferentes a um homem único, que fala sempre a mesma linguagem simbólica através de tempos múltiplos: a obra propõe e o homem dispõe. (BARTHES, 2007, p. 212)

A palavra estética tem sua origem no grego, *aisthetikós*, a qual traduzida para o nosso idioma (português – Brasil) refere-se ao perceber/sentir. Segundo Japiassu e Marcondes (1996), pode-se entender que na arte a estética é um ramo do conhecimento que vai para além do belo e feio, mas, segundo Matos (2002):

É entendida como categoria filosófica da arte e é regida por princípios subjetivos que, por definição, seriam intangíveis. A estética deixa assim constituir um corpo teórico coerente para se desmembrar em várias estéticas, dependendo da corrente teórica que a desenvolver, dentro de suas particularidades. (p. 56)

E assim como na arte, o estudo da estética se tornou indispensável para a interdisciplinaridade onde a referência estética varia de acordo com a realidade do indivíduo e do meio em que está inserido.

Dentro da interdisciplinaridade, o estudo da estética torna-se importante a partir da reflexão sobre as causas e as consequências da fragmentação do conhecimento humano em especialidades. A evolução do pensamento estético se transforma numa metáfora deste processo: Baumgarten tentou criar uma estética científica; Kant identificou nela uma natureza subjetiva que impossibilitaria uma cientificidade do belo; e Hegel nos fala sobre a relatividade do discurso estético, prejudicando, portanto, sua generalização como teoria. (MATOS 2002, p. 56)

A arte é interdisciplinar, antes mesmo de o conceito ser adotado, tendo em vista que ela se desenvolveu entre os meios sociais da história da humanidade,

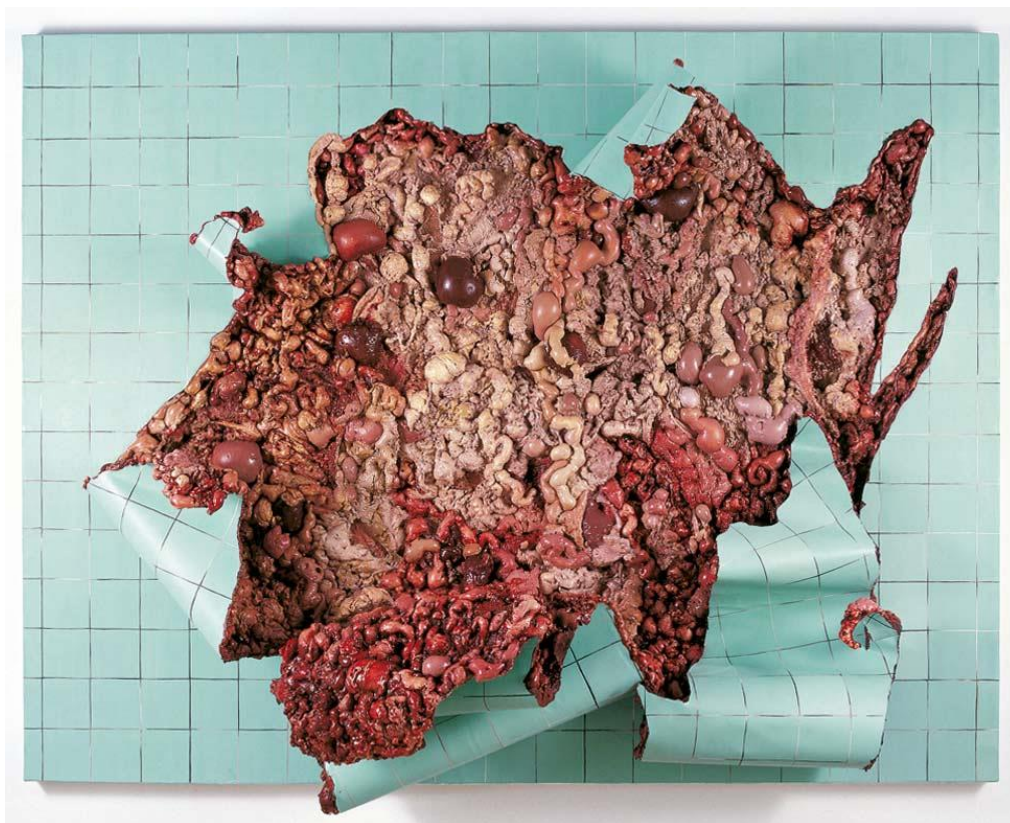
permeando entre as suas mais diversas linguagens e outras áreas de conhecimento. Considerando o processo de criação e de apreciação de uma obra: o qual perpassa entre a escolha da linguagem, dos materiais e da poética envolvendo a obra no seu resultado final. Pois “podemos considerar a arte como sendo um dos caminhos que nos leva a uma visão objetiva das experiências humanas. ” (MAKOWIECKY, 2008, p. 139). Estas experiências para o artista em seu processo criativo são o que compõe a interdisciplinaridade na arte, quanto ao artista e a obra, quando discutimos a arte contemporânea, tendo em vista as mais variadas possibilidades de materiais e expressões artísticas a serem explorados. É neste sentido que trago as palavras de Rizolli (2010), quando afirma que:

Nos processos criativos da arte contemporânea o artista busca seus instrumentos, inventa ferramentas, explora tecnologias e percebe seu tempo. Neste contexto criativo surge o conceito *flow* – que tão bem, nos parece, atende às demandas interdisciplinares. (p. 789)

Um exemplo contemporâneo da relação existente entre a arte e a interdisciplinaridade é a obra *Azulejaria verde em carne viva*, figura 12 (doze), produção da artista Adriana Varejão. Nesta produção a artista representa vísceras humanas saindo do azulejo verde. A obra é muito provocativa nos sentidos físicos e psicológicos devido ao realismo utilizado pela artista. Trazendo assim algumas provocações, nos levando a questionamentos, sendo assim me remeto às palavras de Leite (2008) quando afirma que:

Portanto, a Arte não é sempre bela como se pregou um dia; pode até chocar. A obra de arte nos fala não apenas sobre ela, mas também de nós mesmos, da sociedade, do mundo. Faz com que nos percebamos ligados e responsáveis por essa relação homem-cultura-natureza. (p. 63)

Figura 12: *Azulejaria verde em carne viva*, 2000. Adriana Varejão



Fonte: <http://vilaseca.com.br/site/wp-content/uploads/2014/05/adriana-varejao-artes-plasticas.jpg> acesso em 05 de novembro de 2016

Esta interdisciplinaridade não acontece apenas com o artista e sua obra, mas também com o sujeito que aprecia a obra. Visto que a obra de arte tem poder de influenciar em nosso estado físico e psicológico, resultado da estética da obra apresentada. Segundo Leite (2008),

A arte nos leva para outros mundos, outras sensações, outros sentimentos. Ela mexe não só com a cognição, mas com nossos afetos e, por isso, nos afeta. Tudo o que vemos no cinema, ouvimos no rádio, contemplamos num quadro, assistimos numa dança, vemos numa paisagem, percebemos na arquitetura de uma cidade etc. é acrescido ao nosso acervo de imagens, sons, movimentos..., que, ao longo de nossas vidas e experiências, guardamos em nossa memória – são nosso repertório de experiências estéticas. (p. 63)

Partindo das palavras da autora, percebo que a arte e seu conhecimento são explorados a partir de uma concepção interdisciplinar, ou seja, quando um artista propõe uma linha reflexiva com sua obra, ele antes, precisou se apropriar de algum conhecimento aliado aos conteúdos de arte, para assim poder desencadear o

processo criativo para a sua produção, ou quando o sujeito aprecia a obra inúmeros conhecimentos perpassam nessa relação.

3.3 A INTERDISCIPLINARIDADE E O ENSINO DA ARTE

Ao longo desta pesquisa pode-se perceber a ascensão da interdisciplinaridade no ensino atual e no conhecimento de forma geral. Diversos autores pesquisam e defendem a prática interdisciplinar nas escolas brasileiras. Como exemplo de Fazenda, a qual propõe que,

A interdisciplinaridade é muito mais do que um conjunto de disciplinas, é uma libertação de modelos predeterminados, é saber unir a arte com a ciência, é saber usar a utilidade do tempo; é uma relação entre pessoas, que começa a partir de um olhar, que pode gerar um momento único de interação, um momento de aprendizagem. Professores e alunos são sujeitos com histórias de vida e bagagens culturais diversas, que vivenciam situações, por vezes, antagônicas. Este vínculo, necessário à prática interdisciplinar, demanda um intenso e responsável trabalho pedagógico. (FAZENDA, 2002, p. 86)

Focando especificamente no ensino da arte, percebemos que por si a arte já apresenta um caráter interdisciplinar. Por isso se faz necessário um planejamento de aula, por parte do professor de artes, que contemple essa relação entre a arte e suas linguagens. Segundo Barbosa (1984) se faz necessário

Um processo que estimule nos estudantes a reflexão em torno das diferenças e similaridades entre linguagens e conteúdos, permitindo que eles próprios, através desta reflexão, estabeleçam conexões e relacionamentos diversificados e pessoais. p. 17).

Friso novamente que quando cito a arte enquanto interdisciplinar, não defendo o conhecimento polivalente, mas um saber/conhecimento que se relaciona com outros saberes, para que o aluno seja capaz de na arte perceber e visualizar conhecimento artístico, científico e tecnológico, pois, segundo Barbosa (1984) polivalência não é interdisciplinaridade.

Quando destaco a necessidade de se ter um planejamento interdisciplinar entre as linguagens da arte, se parte da idéia que o professor terá como ponto inicial a sua formação, como a em Artes Visuais e desta forma perceber possíveis relações á serem estabelecidas, de forma que seja conveniente para o assunto proposto,

para que não se tenha uma ação reducionista no ensino. Para Ramalho e Oliveira (2008), neste sentido “o professor de artes a partir da sua análise sobre o contexto histórico-cultural de seus alunos perceberá assim todas as estratégias sintáticas adotadas para gerar efeitos de sentido a partir de cada uma das linguagens que compõe o tecido híbrido.” (p.91)

É possível ao professor de artes manter uma postura interdisciplinar em meio a um currículo de caráter fragmentado. E a arte, assim como o docente que atua, tem um papel fundamental neste contexto onde o ensino interdisciplinar se apresenta, porém precisa estar atento quando esta reestruturação metodológica de ensino integrado e totalizador se apresenta por meios de projetos interdisciplinares, onde existe um tema orientador e as disciplinas do currículo terão ações coordenadas sobre o mesmo.

Para que os fins deste projeto não apresentem e se utilizem da arte como ferramenta de aprendizagem para outras disciplinas, usando das habilidades presentes em nossas diferentes linguagens para produzir, como exemplo, o vulcão da aula de ciências, a coreografia da festa junina e a decoração para a festa da família, deve-se considerar toda disciplina do currículo necessária e de mesma valia, assim como a arte. O que para Barbosa (2003) “Arte tem conteúdo, assim como todas as outras disciplinas, e esse conteúdo deve ser respeitado e estimulado tanto quanto os outros.” (p.109-110).

Quando citamos um projeto interdisciplinar “não se trata de tomar as outras disciplinas e integrá-las às artes, nem colocar a Arte a serviço das outras disciplinas” (RICHTER, 2003, p. 86), mas de fazer uma ação, coordenada, um planejamento unificador para todas as disciplinas.

O que dizem os documentos oficiais da educação sobre a interdisciplinaridade?

Para a educação escolar no Brasil, possuímos alguns documentos que nos servem como norte para as práticas metodológicas em sala de aula e nos orientam acerca de postura educativa do professor. Em grande parte, estes documentos já possuem a interdisciplinaridade em seus estudos, e dentre os documentos que preconizam interdisciplinaridade no ensino da arte, assim como no

todo, destaco as diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), o qual indica que:

A interdisciplinaridade é uma orientação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) para o ensino médio, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), cujo objetivo é fazer da sala de aula mais do que um espaço para simplesmente absorver e decorar informações. Segundo a orientação do Ministério da Educação (MEC), a interdisciplinaridade não pretende acabar com as disciplinas, mas utilizar os conhecimentos de várias delas na compreensão de um problema, na busca de soluções, ou para entender um fenômeno sob vários pontos de vista. A interdisciplinaridade é, portanto, um instrumento que na proposta de reforma curricular do ensino médio aponta para estabelecer – na prática escolar - interconexões e passagens entre os conhecimentos através de relações de complementaridade, convergência ou divergência. (BRASIL, 2001).

Este documento apresenta a interdisciplinaridade como uma orientação já trazida por outros documentos, afirmando que o objetivo de se utilizar esta metodologia não é encerrar o modelo disciplinar utilizado pelo currículo, mas complementar na qualidade de ensino nas escolas. O documento ainda expressa a interdisciplinaridade como parte de uma reforma nas práticas escolares, onde o aluno, o qual nos últimos anos da escola básica, perceberá os conhecimentos de forma integrada.

Complementando sobre o ensino médio, nos PCN's, afirma-se que o sentido desta metodologia nesta fase escolar é a busca em dar “significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitar a compartimentalização, mediante a interdisciplinaridade; e incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender.” (BRASIL, 2000, p. 21). Se entende que a interdisciplinaridade não tem como objetivo criar novas disciplinas, mas estabelecer relações entre as existentes – a arte e as demais.

Já para as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica¹⁹ a interdisciplinaridade é reconhecida em sua relevância para a educação, sendo um dos temas, mais comentados deste documento. O qual afirma que:

A interdisciplinaridade é, portanto, entendida aqui como abordagem teórico-metodológica em que a ênfase incide sobre o trabalho de integração das diferentes áreas do conhecimento, um real trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento. (BRASIL, 2013, p. 45)

19

Nos documentos como PCN, a interdisciplinaridade está presente de uma forma intrínseca podendo ser apresentado de diferentes formas como, por exemplo: modo articulador conteúdos. O documento também apresenta a compreensão da interdisciplinaridade nas disciplinas através da contextualização dos conteúdos aplicados em aula – sendo assim, os conhecimentos já não são meras informações, mas conhecimento aplicado.

A tendência atual, em todos os níveis de ensino, é analisar a realidade segmentada, sem desenvolver a compreensão dos múltiplos conhecimentos que se interpenetram e conformam determinados fenômenos. Para essa visão segmentada contribui o enfoque meramente disciplinar que, na nova proposta de reforma curricular, pretendemos superar pela perspectiva interdisciplinar e pela contextualização dos conhecimentos. (BRASIL, p. 21.)

Estas orientações presentes nos documentos acerca da prática interdisciplinar se validam para todas as disciplinas presentes no currículo, inclusive para o ensino da arte nos diversos níveis, como afirma o documento citado.

Destaco também a Proposta Curricular de Santa Catarina - PCSC, na sua última atualização – 2014, a qual traz um estudo para formação integral dos alunos. No presente documento, o termo interdisciplinaridade é citado apenas uma vez, quando afirma que:

O conhecimento construído, em sua totalidade interdisciplinar, tem sua relevância na medida de sua atualização, ou seja, com preocupação relativa à obsolescência diante da acelerada dinâmica dos processos científicos e sociais, mas com atenção à permanência do sentido formativo. (SANTA CATARINA. 2014, p. 160)

A Proposta Curricular de Santa Catarina é um documento norteador para as escolas da rede estadual de Santa Catarina, que em sua última atualização, defende que o ensino deve ser mantido na forma de divisão disciplinar fragmentada, porém tendo uma visão totalizadora do conhecimento, quando discute sobre as “contribuições do conhecimento para a educação básica e a formação integral.” (SANTA CATARINA. 2014, p. 91).

Se utilizando de uma nova organização de ensino nas disciplinas escolares, cada qual ainda se mantém o modelo de divisão disciplinar do currículo nacional, porém o percurso de aprofundamento nas disciplinas será por áreas de conhecimento, na busca de romper com os mecanismos de ensino.

Assim, a arte esta inserida na área de conhecimento das “Linguagens”, Na qual é composta pelas disciplinas de Artes, Educação Física, Língua Portuguesa, Língua Materna para populações indígenas e usuários de LIBRAS e Línguas Estrangeiras, o qual é concebido como o conceito integrador dos signos verbais e não verbais que constituem as linguagens, em suas modalidades áudio-oral, escrita, viso-gestual, tátil, imagética, de movimento. (SANTA CATARINA. 2014, p. 97). O presente documento também reconhece a arte como parte elementar do conhecimento e interdisciplinar ao afirmar que:

Nos processos artísticos, articulam-se relações que envolvem questões culturais, políticas, econômicas, sociais, étnicas que marcam e caracterizam as diversas formas dos seres humanos de fazer Arte, bem como a forma com a qual essa produção circula no meio social e cultural. (SANTA CATARINA. 2014, p. 100)

A interdisciplinaridade, seguindo a lógica trazida por este documento, apresenta-se também no ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio onde a organização das disciplinas na prova se mantém por áreas de conhecimento – as questões também incorporam esta interdisciplinaridade. A qual é dividida da seguinte forma: Ciências Humanas e suas Tecnologias (História, Geografia, Filosofia e Sociologia); Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Química, Física e Biologia); Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira, Artes, Educação Física e Tecnologias da Informação e Comunicação); e Matemática e suas Tecnologias.

Provando, assim a possível relação entre as disciplinas, visto que a interdisciplinaridade propõe um ensino neste caminho, disciplinas que dialoguem conhecimento, mantendo-se no seu formato, já que,

[...] A palavra interdisciplinaridade evoca a “disciplina” como um Sistema constituído ou por constituir, e a interdisciplinaridade sugere um conjunto de relações entre disciplinas abertas sempre a novas relações que se vai descobrindo. Interdisciplinar é toda interação existente dentre duas ou mais disciplinas no âmbito do conhecimento, dos métodos e da aprendizagem das mesmas. Interdisciplinaridade é o conjunto das interações existentes e possíveis entre as disciplinas nos âmbitos indicados. (FAZENDA. 2008, p. 18 – 19)

De acordo com a autora (2008), o caminho apresentado pela interdisciplinaridade é o traçado pelos documentos, ou nas suas tentativas de prever uma prática interdisciplinar. Sendo fato que os documentos, aqui citados, se inclinam para um interesse interdisciplinar seja diretamente discutido ou intrínseco nas entrelinhas. Apesar de em partes, no âmbito geral da educação, a realidade de

subverter o que os documentos e as pesquisas indicam, podemos perceber que a arte já está no caminho da educação interdisciplinar, considerada pelos teóricos aqui apresentados, o ideal para o ensino contemporâneo

4 E AGORA PROFESSOR? APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Para efetivar aquilo que foi proposto ao longo deste estudo, foi aplicado um questionário sobre o tema (interdisciplinaridade e arte) a dez professores de arte da região de Criciúma-SC. Participando professores do Arte na Escola (Pólo UNESC) e do PIBID de Artes Visuais - UNESC.

Como forma de preservar a imagem dos professores participantes, estes serão identificados da seguinte maneira: (P1), (P2), (P3), (P4), (P5), (P6), (P7), (P8), (P9), (P10). Ao longo deste capítulo apresentarei a fala dos professores e farei a análise e reflexão dos questionários á luz do referencial teórico.

4.1 O QUESTIONÁRIO

A estrutura do questionário (apêndice A) é composta por oito questões elaboradas de acordo com os objetivos da pesquisa, para que se possa ter uma análise de uma à mostra a cerca da realidade sobre a interdisciplinaridade e a arte nas escolas de Criciúma-SC.

As questões foram sistematizadas para que na medida em que se ouve a voz do professor, se possa analisar o contexto escolar somado a interdisciplinaridade e a postura do professor frente a esta realidade.

Como apresentado no capítulo 03, os documentos norteadores para diferentes níveis de ensino possuem um diálogo que aponta para a prática interdisciplinar, esta pesquisa foi aplicada para professores de artes que atuam nestes vários níveis. Sendo assim a primeira e segunda pergunta do questionário eram objetivas onde o professor teria algumas opções para assinalar. Perguntas estas sobre a rede de ensino em que atuam, e os níveis de ensino que trabalham, pois: “Conhecer o lugar de onde se fala é condição fundamental para quem necessita investigar como proceder ou desenvolver uma atitude interdisciplinar na prática cotidiana”. (FAZENDA, 2002, p. 14).

As demais perguntas (cinco questões) possuem estrutura discursiva, onde os professores podem se expressar por suas palavras estas questões foram elaboradas com o intuito de perceber se existe a praticidade da teorização apresentada ao longo do referencial teórico desta pesquisa.

Acreditando que a interdisciplinaridade é um tema que precisa ser aprofundado, assim como os próprios documentos norteadores da educação, os depoentes desta pesquisa são indagados pela questão sobre os documentos que orientam sobre uma prática interdisciplinar por se pensar que:

Muito mais que acreditar que a interdisciplinaridade se aprende praticando ou vivendo, os estudos mostram que uma sólida formação à interdisciplinaridade encontra-se acoplada às dimensões advindas de sua prática real e contextualizada. (FAZENDA. 2002, p. 14)

Essa necessidade de se contextualizar os conceitos de interdisciplinaridade e as suas principais pontualidades se dá ao fato de não ser algo estanque impedindo que se ampliem os olhares sobre este conceito, como já apresentado ao longo do capítulo 03, por isso a necessidade de se questionar aos depoentes a compreensão que o mesmo tem sobre o conceito de interdisciplinaridade, assim como se a interdisciplinaridade está presente na atuação destes docentes, pois segundo Fazenda (2002) “num processo interdisciplinar, é preciso olhar o fenômeno sob múltiplos enfoques, o que vai alterar a forma como habitualmente conceituamos.” (p. 18).

Sendo assim, segue a análise de dados, realizada á luz do referencial teórico aqui apresentado.

4.2 AS RESPOSTAS DOS PROFESSORES E A INTERDISCIPLINARIDADE

Tendo em vista as respostas dos professores questionados durante a análise de dados, percebemos que a interdisciplinaridade esta inserida nas escolas de Criciúma-SC, pelo menos no pequeno recorte desta pesquisa, seja nos documentos como o PPP (Projeto Político Pedagógico), na fala dos professores ou realmente nas ações metodológicas dos docentes. Através do questionário respondido pelos professores obtive respostas de extrema relevância para minha pesquisa e desenvolvimento da análise.

Vale destacar que as respostas dos professores aqui apresentadas foram transcritas da forma em que os mesmos fizeram em seus questionários a fim de manter a originalidade da resposta.

Dos professores participantes da pesquisa, quatro atuam em duas redes de ensino e seis atuam em apenas uma rede de ensino. Sendo seis na rede estadual, sete na rede municipal e um professor da rede particular de ensino.

Quanto aos níveis de ensino apenas um professor atua em cinco níveis (Educação Infantil, fundamental I e II, Ensino Médio e Ensino para Jovens e Adultos - EJA), dois professores atuam em apenas um nível de ensino, quatro professores atuam em dois níveis de ensino e três professores são atuantes em três níveis de ensino.

Sendo que três em Educação infantil, oito professores atuam no fundamental I, seis no fundamental II, cinco atuam no Ensino Médio e dois no EJA.

Quando indagados na questão três, se em suas graduações havia sido discutido sobre interdisciplinaridade, dois professores (P1 e P2) responderam que não, mas oito professores (P3 ao P10) afirmam que houve discussões sobre interdisciplinaridade. Para o participante P3, foi discutido nas disciplinas de metodologia. O professor P4, afirma que a discussão ocorreu ao longo da sua graduação, em concordância com o P5 P6 e P8, nos quais foi discutido em suas graduações e pós-graduações. Para os professores P7, P9 e P10, a discussão ocorreu em diversas disciplinas como *pedagogia e didática*. Nesse caso os professores se confundem com o que chama de disciplina, pois pedagogia seria o curso.

Quando questionados sobre se, na escola em que atuam como professor há a prática de projetos interdisciplinar e como a arte está inserida neste projeto, na grande maioria é praticado a metodologia de projetos interdisciplinares e a arte se apresentou de diferentes maneiras na forma como está inserida.

Para a P1: *A interdisciplinaridade é muito discutida, porém pouco praticada nas escolas. Em contra ponto para a P2: a vários projetos no qual a arte está inserida. Nos programas mais educação, na fanfarra, corpo coreográfico, violão... Mas será que a interdisciplinaridade existe nessas atividades é vista? Refletida? Penso que não.*²⁰

Na resposta da P7 percebo que a arte esta sendo utilizada como ferramenta no projeto interdisciplinar quanto esta afirma que: *Todos os projetos das*

²⁰ Neste capítulo em específico, as respostas dos professores aparecem em itálico na intenção de destacar e diferenciar do restante do texto.

disciplinas eles inserem a arte e pedem parceria ou suporte, geralmente na parte prática. O que pode configurar para a disciplina de arte um risco tendo em vista, já discutido no capítulo 03, que este tipo de ação pode reforçar os estereótipos do ensino da arte. O que por muitas vezes se torna cômodo, pela busca em um lugar de destaque como as demais disciplinas, muitos professores de artes, aceitam emergir em meios aos estereótipos em um projeto interdisciplinar como modo de garantir aprovação de suas idéias.

O estereótipo torna-se alternativa facilmente adotada na expressão plástica por se apresentar como forma segura de representação, um modo de não arriscar, de não se expor. Essa busca de garantia de aprovação resulta em trabalhos mecânicos, acomodados, sem desafios. (BUORO, 2003, p.36)

Para dois professores, o projeto interdisciplinar *se encontra na escola somente no planejamento e discussões de reuniões.* De todos os professores questionados, seis afirmaram ter projeto interdisciplinar nas escolas, sendo dois depoentes afirmaram que não existe tal prática.

No questionário aplicado também questiono os professores depoentes se a interdisciplinaridade é presente na sua atuação como professor de arte. Três professores (P8, P9, e P10) afirmaram que *sim*, em contraponto o P7 coloca que *somente as vezes.* O que me leva a refletir sobre a fala de Fazenda (1994), quando a autora determina as diferenças de uma sala de aula interdisciplinar para uma comum.

Numa sala de aula interdisciplinar, a autoridade é conquistada, enquanto na outra é simplesmente outorgada. Numa sala de aula interdisciplinar a obrigação é alternada pela satisfação; a arrogância, pela humildade; a solidão, pela cooperação; a especialização, pela generalidade; o grupo homogêneo, pelo heterogêneo; a reprodução, pela produção do conhecimento. [...] Numa sala de aula interdisciplinar, todos se percebem e gradativamente se tornam parceiros e, nela, a interdisciplinaridade pode ser aprendida e pode ser ensinada, o que pressupõe um ato de perceber-se interdisciplinar. [...] Outra característica observada é que o projeto interdisciplinar surge às vezes de um que já possui desenvolvida a atitude interdisciplinar e se contamina para os outros e para o grupo. [...] Para a realização de um projeto interdisciplinar existe a necessidade de um projeto inicial que seja suficientemente claro, coerente e detalhado, a fim de que as pessoas nele envolvidas sintam o desejo de fazer parte dele (FAZENDA, 1994, p. 86-87).

Através da fala da autora, percebemos o quanto é necessário se assumir uma prática interdisciplinar efetiva nas aulas. Pois, segundo a autora esta atitude

interdisciplinar se compõe a partir dos valores profissionais e pessoais do professor que a pratica.

Porém outros quatro professores afirmam que buscam unir-se com professores de outras disciplinas para desenvolver projetos, como exemplo a P5: *Procuro sempre tratar a arte em conjunto com todas as outras disciplinas, o entendimento é bem melhor.* Porém esta prática vai contra a postura apresentada por Fazenda (1995), como já citado nesta pesquisa, que a interdisciplinaridade não tem como intenção juntar conteúdos, métodos ou disciplinas, mas proporcionar ao aluno perceber a relação entre os saberes nas variadas disciplinas do currículo.

Como exemplo de postura interdisciplinar dentro da própria disciplina de arte, destaco aqui a P2: *Eu acredito que a arte é a disciplina que mais exerce a interdisciplinaridade, pois ela perpassa por todas as áreas de conhecimento: ela não é uma disciplina fechada.* E para complementar este pensamento, cito aqui as palavras de Leite, ao afirmar que “a arte, em suas diferentes facetas, é uma das formas de produção cultural do homem em relação com a natureza, que expressa movimentos, históricos, sociais e culturais de grande importância para formação de todos os sujeitos.” (2008, p.62)

Uma das questões tratava sobre os documentos norteadores que apontavam para uma pratica interdisciplinar, se os professores os conheciam podendo listá-los. Todos os professores apresentaram conhecimento diante dos documentos e através da fala de alguns foi possível perceber que o PPP de algumas escolas contempla esta metodologia. Cinco professores citaram os PCN's. Quatro professores indicaram a Proposta Curricular de Santa Catarina. Destaco aqui também, em específico, a resposta da P2 a qual afirma que *os documentos norteadores – todos discutem e falam de interdisciplinaridade.*

Sobre o conceito de interdisciplinaridade na compreensão dos professores percebo nas falas que os mesmos se dividem em variadas compreensões de conceito.

Para cinco professores depoentes desta pesquisa o processo interdisciplinar se dá por meio de projetos com tema orientador como é possível ver nas respostas dos mesmos. Para o P4: *Aulas em que os conteúdos sejam trabalhados em cada disciplina num mesmo assunto.* Em concordância com o P9 que afirma: *é um tema trabalhado por diferentes disciplinas a fim de mostrar diferentes colaborações de um mesmo assunto.* Já para P10: *Com base nos*

conhecimentos da área/disciplina, abordar e ampliar dialogando, estabelecendo relações com conhecimentos de outras áreas/disciplinas. P5: Trabalhar mais de uma disciplina dentro de um mesmo conceito/tema. Para o P7: Uso como uma ou um atravessamento e junção com outras disciplinas e projetos. Encerrando esta linha de pensamento com o P6, o qual diz que interdisciplinaridade: É mesclar as aulas de artes com as outras, trabalhando todos juntos por um ideal.

Porem para esta prática, Japiassu (1976) afirma que:

A colaboração não deve jamais suprir as lacunas e as carências de uns e de outros, nem mesmo as conseqüências do estado precário em que podem encontrar-se algumas disciplinas. Para que as pesquisas interdisciplinares possam progredir com êxito, é preciso que os especialistas estejam bastante seguros, não do estado de acabamento de suas disciplinas, mas dos métodos que empregam, para que possam confrontar seus resultados com os de outras especialidades. (p. 104-105)

Em contraproposta, percebe-se na fala dos outros professores a interdisciplinaridade como postura, uma metodologia de ação individual, sem a necessidade de um projeto indicador. Para o P1: *Inter significa entre, percebo a interdisciplinaridade como uma relação entre as disciplinas de forma a proporcionar o ensino/aprendizagem mais significativo ao educando.* Na mesma lógica o professor P2 diz *Acho que a interdisciplinaridade vai além de projetos, quando abordamos temas dentro do contexto onde fazemos o aluno refletir seu entorno, perceberem que as outras áreas de conhecimento estão inseridas na apropriação do conhecimento e torná-lo consciente disso, é que de fato acontece a interdisciplinaridade.* Nesta linha de pensamento a interdisciplinaridade é vista como a metodologia de relação no campo teórico entre as disciplinas, sendo assim trago a fala do depoente P8 que afirma que é a: *Conexão com todas as áreas e cotidiano.* Sendo possível estabelecer relação com os conhecimentos do cotidiano onde o aluno perceba as conexões e o conhecimento aplicado, complementando assim com o professor P3 que afirma ser a interdisciplinaridade *E a correlação que se faz de um determinado conteúdo com diversas linguagens artísticas ou áreas do conhecimento humano.*

Remetendo-me, em relação às falas dos professores que seguem a linha da interdisciplinaridade como postura, as palavras de Japiassu (1976) quando este afirma que

Em suma, a interdisciplinaridade não é apenas um conceito teórico. Cada vez mais parece impor-se como uma prática. Em primeiro lugar aparece como uma prática individual: é fundamentalmente uma atitude de espírito, feita de curiosidade, de abertura, de sentido da descoberta, de desejo de enriquecer-se com novos enfoques, de gosto pelas combinações de perspectivas e de convicção levando ao desejo de superar os caminhos já batidos. (p.82)

Nas falas pode-se perceber realmente existem várias interpretações para a prática interdisciplinar, não podendo descartá-las ou simplesmente taxá-las de erradas, porém se destaca o fato de que nas variadas interpretações apresentada pelos professores a relação disciplinar e de conhecimento é um fato.

No questionário, solicito aos professores que compartilhem alguma experiência vivenciada em suas aulas de artes que possa ter trabalhado de forma interdisciplinar. Pelas respostas à luz do referencial teórico, percebo que existem duas linhas de pensamento apresentada pelo professores. A primeira é a prática por projetos interdisciplinares, onde várias disciplinas trabalham juntas possuindo um tema em comum. Como exemplo, destaco o depoente P4 a qual teve a experiência de um projeto interdisciplinar: *Nas aulas de português, com os sétimos anos estamos trabalhando Frankenstein. Em português estão montando texto e em artes estamos fazendo o personagem tridimensional e para fechar o projeto faremos apresentação teatral.* Seguindo a mesma forma de projeto o professor P6, afirma que *Na educação infantil trabalhamos bastante assim, percebemos o tema necessário aos alunos e juntos trabalhamos*

Para o P7, como experiência interdisciplinar destaca que: *Neste ano trabalhei junto à professora de sala e a professora de educação física em um projeto de música e dança que resultaram em três grupos que participaram do festival de dança. Trabalhei ritmos, história, a cultura através dos tempos e cada professora de sala trabalhou os trajes das danças e a de educação física as coreografias e a dança.* Assim como o P8 esteve em conjunto com professores de outras disciplinas onde o tema foi o *grafite com a professora de história e libras. Estudamos o grafite e a cultura hip-hop juntamente com essas disciplinas. Recebemos a visita de uma artista. Os alunos fizeram pintura no muro e interpretaram uma canção em libras.*

Finalizando os professores que se utilizam de projetos interdisciplinares como forma de atuação complemento com a fala do depoente P9 o qual compartilha: *Trabalhei os direitos e deveres das crianças e dos adolescentes com uma turma de 4º ano, e junto com a pedagoga, e professor de Educação Física, fizemos várias*

ações, criamos uma cartilha, junto com as crianças, fomos na comunidade divulgar, fizemos um stop motion falando do tema.

Quando a escola onde o professor de artes atua, tem um projeto interdisciplinar para assim coordenar as ações e assimilar os conteúdos tendo em vista que “os conteúdos são importantes, mas só adquirem sentido quando estão conectados com outros conteúdos e áreas do conhecimento, com a vida que temos e a que desejamos” (MODINGER. 2012, p. 51), deve-se estar atento para que não se perca o controle sobre sua própria ação da especificidade da arte e se subestime a importância do conhecimento colocando a arte como responsável em deixar o projeto mais bonito e apresentável.

Pois pensar o ensino de artes de forma interdisciplinar, ou interado a outros componentes curriculares, não significa subestimar sua importância nem a especificidade do amplo conhecimento que as linguagens das artes representam, tornando-o um mero acessório ou ilustração. (MODINGER. 2012, p. 50)

Desta forma me remeto às palavras de Ana Mae Barbosa (1991) como já citada nesta pesquisa, a arte não pode ser considerada como um conhecimento complementar nem inferior, já que nela possuem profissões, desenvolvimento intelectual e consciência humana. Não deve ser vista como básico, ou apenas um complemento.

E na segunda linha de pensamento é a de postura interdisciplinar dentro da própria disciplina. Dos professores depoentes da pesquisa, destacam-se cinco professores os quais apresentam propostas de aula onde o conhecimento artístico mostra de forma clara suas conexões com os diversos conhecimentos. Para o depoente P1, a sua atitude interdisciplinar aparece quando: *Trabalho de forma interdisciplinar a questão da intertextualidade, a ligação entre os mais variados textos, tipo textos visuais e escritos.* Trazendo esta fala a validando á luz da referencia teórica, trago Ramalho e Oliveira (2008) quando escrevem que,

A primeira noção a se adotar, para estabelecer relações entre “linguagens”, é a idéia de texto, que, de acordo com a semiótica discursiva, não se restringe ao texto verbal; segundo esta fonte teórica, podemos considerar como texto um balé, uma instalação, uma música, uma escultura. Texto é uma unidade de análise. (p.76)

Outro exemplo claro de que a arte possui um caráter interdisciplinar é a resposta trazida pela P2, quando cita uma proposta de ensino aplicada em sua aula

de artes.: *Neste ano trabalhei fotografia e dentro do que eu acredito ser interdisciplinaridade, acredito que houve. Pois abordei a história do Brasil falando de Debret e do contexto histórico da época, do registro por meio do desenho. Dos negros como eram tratados e visto na época, falamos da questão econômica do nosso país. A fotografia como era antes de se popularizar. Conhecemos estudos relacionados à fisiologia na questão da memória que nossa retina possui. Da importância da fotografia dentro do jornal impresso. Do quanto à imagem visualizada e não apenas comentada traz conhecimentos, aumenta nossa percepção do contexto histórico. Tivemos um olhar geográfico de como era o povoado de nosso país quando Debret esteve aqui. A meu ver isso é um trabalho extremamente interdisciplinar. Não precisamos ficar a espera de projetos para acontecer, na maioria das vezes fica na superficialidade.*

Seguindo a mesma linha de ação vemos a proposta da P3: *A partir da apreciação estética do vídeo Sonho de uma flauta do grupo teatro mágico. Perpassamos, eu e os alunos, pelo ensino da música, do teatro e da plasticidade que os compunha.*

Nestas ações apresentadas podemos ver que o ponto inicial e foco da aula é a arte, mas é possível perceber outros conhecimentos que já estão intrínsecos na ação. Como na experiência compartilhada pela P5, qual fez *Confecção de um bolo em sala de aula: leitura, escrita, medidas, cores, organização.*

Assim como na vivência da P10 a qual propôs: *Arte e natureza – Processos e criação artística na obra de Frans Krarberg. Pesquisar, selecionar e produzir com pigmentos e outros materiais da natureza. Repensando a relação, modo de perceber e atitude do ser humano frente à natureza. E a educação do olhar.*

Através desta pesquisa é possível perceber que não existem receitas prontas de como proceder de forma interdisciplinar. O caminho é construído e traçado por aqueles envolvidos na unidade escolar, cada qual na sua realidade histórico social em que está inserida, dê de que isso não acarrete conseqüências drásticas para nenhum envolvido – a arte não pode ser ferramenta, nem considerada um auxílio,

ainda é comum as aulas de arte serem confundidas com lazer, terapia, descanso das aulas "sérias", o momento para fazer a decoração da escola, as festas, comemorar determinada data cívica, preencher desenhos

mimeografados, fazer o presente do Dia dos Pais, pintar o coelho da Páscoa e a árvore de Natal. Memorizam-se algumas “musiquinhas” para fixar conteúdos de ciências, faz-se “teatrinho” para entender os conteúdos de história e “desenhinhos” para aprender a contar. (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998, p. 12)

Pois essas atitudes não configuram a interdisciplinaridade segundo os autores aqui apresentados, mas deve-se considerar, ver e assumir a postura em que a arte é elementar na interdisciplinaridade, inclusive sendo ela mesma interdisciplinar.

5 PROJETO DE EXTENSÃO: O ENSINO DA ARTE E A INTERDISCIPLINARIDADE

5.1 **Ementa:** Interdisciplinaridade. O ensino da arte na contemporaneidade. A prática docente do professor de arte, documentos norteadores, possíveis inter-relações na arte

5.2 **Carga horária:** 20h/a

5.3 **Público alvo:** Professores de arte em atuação nas escolas de Criciúma-SC, sendo estes dos mais diferentes níveis de ensino.

5.4 **Justificativa:**

No desenvolvimento da pesquisa ficou evidente a presença e necessidade da interdisciplinaridade estar inserida no contexto escolar e a sua relação com a arte. Segundo Barbosa (1984) a interdisciplinaridade é um “trabalho de várias cabeças” o qual resultará em:

[...] um processo que estimule nos estudantes a reflexão em torno das diferenças e similaridades entre linguagens e conteúdos, permitindo que eles próprios, através desta reflexão, estabeleçam conexões e relacionamentos diversificados e pessoais. (BARBOSA, 1991, p. 17).

Por isso proponho desenvolver um projeto de extensão que vise uma formação continuada para professores de artes atuantes no município de Criciúma que propicie aos mesmos a experiência de se aprofundarem e discutirem sobre a interdisciplinaridade e sua relação com a arte. Este projeto está diretamente ligado aos objetivos propostos inicialmente pela minha pesquisa: A Interdisciplinaridade e a Fala dos Professores de Arte.

Desta forma esta proposta permitirá aos professores troca de experiência para ampliar o repertório expandindo assim a compreensão sobre a interdisciplinaridade e suas possibilidades em sala de aula, pois o planejamento foi desenvolvido a partir da análise de dados interligando-se ao referencial teórico apresentado nesta pesquisa.

5.5 Objetivo Geral: Proporcionar ao professores de Arte de Criciúma-SC estudos e reflexões a acerca da prática interdisciplinar na atuação enquanto docente.

5.6 Objetivos Específicos:

- Ampliar o conhecimento dos professores de arte acerca do conceito de Interdisciplinaridade;
- Conhecer e reconhecer os documentos norteadores que defendem e preconizam a prática interdisciplinar;
- Discutir teoricamente sobre diversos autores que dialogam aacerca da arte e da práxis interdisciplinar;

5.7 Metodologia

A proposta de curso poderá acontecer no período noturno, tendo em vista que os professores participantes da pesquisa atuam em suas escolas no período diurno. O ideal para o desenvolvimento desta proposta seria um local apropriado para que todos os encontros se efetivem – salas como laboratório de informática, sala de aulas comuns e auditório. Segue a tabela 01 onde é descrito os encontros com suas cargas horárias, seus respectivos horários, e a descrição de atividade a ser desenvolvida.

Tabela 01 – Cronograma de Encontros.

Distribuição dos encontros propostos para o projeto de extensão			
Encontros	Horários	Carga Horária	Descrição de Atividade
1º	18h às 22h	4h/a	Em nosso primeiro encontro faremos uma análise e discussão acerca de textos que tratam sobre interdisciplinaridade e o ensino da arte na contemporaneidade. Sendo estes textos dos livros “Interdisciplinaridade e Patologia do Saber” de Hilton Japiassu

			(1976), “Ensaio em Torno da Arte” de Ramalho e Oliveira (2008) e “Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade” de Ivani Fazenda (2002). Com o objetivo de proporcionar embasamento teórico para proceder nos próximos encontros.
2º	18h às 22h	4h/a	Este encontro será dividido em duas etapas. No primeiro propor aos professores participantes que neste encontro façamos uma pesquisa sobre artistas e produções que tenham indicativos para um contexto interdisciplinar. No segundo momento, iremos compartilhar e debater sobre estes indicativos.
3º	18h às 22h	4h/a	Neste encontro será proposto para os professores participantes, em pequenos grupos, elaborarem um planejamento de uma aula interdisciplinar de acordo com os materiais estudados no encontro anterior. Este planejamento será apresentado para o grande grupo no próximo encontro.
4º	18h às 22h	4h/a	Para dar continuidade no encontro anterior, teremos as apresentações e discussão no grande grupo sobre os planejamentos interdisciplinares elaborados no 3º encontro.
5º	18h às 22h	4h/a	Para este último encontro, teremos uma mesa redonda, com professores pesquisadores sobre o tema com o

			objetivo de complementar o estudo desenvolvido durante o projeto de extensão.
--	--	--	---

Referência:

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino da Arte**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FAZENDA, I. C. A. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2 ed São Paulo: Cortez, 2002

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra. Relações entre linguagens. In In MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Ensaio em torno da Arte**. Chapecó: Argos, 2008

6 CONCLUSÃO

As inquietações e pontualidades apresentadas ao longo da pesquisa possuem relações com as considerações que trago aqui neste capítulo. Esta pesquisa se iniciou com uma indagação: Como os professores de artes compreendem a interdisciplinaridade na sua atuação? Questão, a qual deu origem a esta pesquisa final da graduação.

Ao longo deste trabalho de conclusão de curso, percebi, nas respostas dos depoentes, que, apesar de ser um tema de pesquisa considerado recente, a interdisciplinaridade está presente nos discursos de grande parte dos profissionais envolvidos na educação. Porém ainda existem docentes que confundem a interdisciplinaridade com o projeto interdisciplinar, colocando a arte em uma posição reducionista.

Porém através da fala de alguns autores como Fazenda (2002), Barbosa (2003) e documentos como a Proposta Curricular de Santa Catarina (2014) é possível perceber e destacar a relação existente entre a interdisciplinaridade e a arte e o seu ensino. E que os professores de arte são conhecedores deste diálogo. Também através dos mais diversos autores assim como os documentos norteadores presentes no desenrolar desta pesquisa me trouxeram novos questionamentos e contribuíram para compreensão, parcial, das respostas as questões norteadoras, tendo em vista que esta pesquisa não pode ser considerada como totalmente finalizada, pois se tivesse mais tempo ainda teria muito que ser aprofundado:

O que é interdisciplinaridade? De que forma das aulas de artes se projetam na interdisciplinaridade ou vive-versa? A arte por si só é interdisciplinar? Por isso diante da problemática apresentada, propus um projeto de extensão no capítulo 05 (cinco) com algumas possibilidades que oportunizam o conhecimento artístico estabelecendo relação com a interdisciplinaridade.

O conceito de interdisciplinaridade foi aqui apresentado em suas diversas possibilidades, ampliando olhares sobre a mesma, onde se utilizada de alguma forma distorcida do seu ideal poderá acarretar perdas na qualidade do ensino-aprendizagem e uma visão reducionista para a arte – conforme apresentado durante o capítulo 03 (três).

Porém percebe-se, através da análise de dados, que em grande parte os professores conseguem exercitar a interdisciplinaridade sem se submeter aos estereótipos que rodeiam a disciplina de arte. Pois apesar de teoricamente a interdisciplinaridade e o projeto interdisciplinar possuírem relação, a prática mostra que existem certos aspectos que os diferenciam.

No aprofundamento desta pesquisa, acredito ter confirmado, a luz do referencial teórico, o quanto a arte em sua essência e ensino é interdisciplinar podendo estabelecer infinitas possibilidades para seus envolvidos.

Acredito que esta pesquisa de conclusão de curso seja apenas uma parte elementar de toda pesquisa que ainda necessita ser aprofundada referente ao tema proposto, para que assim possamos visualizar resultados efetivos.

Finalizo este estudo na espera que um dia este modelo escola e ensino da arte idealizado por seus envolvidos, se tornem uma realidade onde os problemas aqui apresentados se tornem soluções, que a interdisciplinaridade não caia no ostracismo pedagógico, mas ganhe força nas atuações dos docentes assim como tem nos discursos, e que o ensino da arte alcance seu devido e merecido espaço e destaque.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da educação. CNE/CEB. 2009
- BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da educação. CNE/CEB. 2013
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96.
- _____. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Parte I - Bases Legais. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2000b.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- Resolução CEB nº 3, de junho de 1998. Institui as **Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio**. Disponível em: Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/home/legislação>>. Acessado em 24 de set. 2010.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC /SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2002a.
- BARBOSA, Ana Mae **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**, 5ª. ed. , Cortez 2008
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino da Arte**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo**. Revista Digital Arte, n.0, out. 2003. Disponível em: <www.revista.art.br>. Acesso em: 17 de Outubro de 2016.
- BARBOSA, Ana Amália. Interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. **Arte-Educação: conflitos e acertos**. São Paulo: Max Limond, 1984.
- BARTHES, **Crítica e Verdade**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BAUER, Martins W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. Ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2003.
- BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003
- Capra, F. (2004). **A Teia da Vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. 9. ed. São Paulo: Cultrix.
- CHILVERS, I. **Dicionário Oxford de Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DANERI, Anna ET AL. **Marina Abramovic**. London: Edizioni Carta Sal (2002).
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11. ed São Paulo: Cortez, 2006
- FAZENDA, I. C. A. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2 ed São Paulo: Cortez, 2002
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria**. São Paulo, Edições Loyola, 1995.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003 (1994).

- FAZENDA, I. C. A. **Práticas Interdisciplinares na Escola**. 2ed – São Paulo: Cortez, 1993
- FAZENDA, I. C. A. **Didática e Interdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papirus, 1998
- FAZENDA, I. C. A. **Práticas Interdisciplinares na Escola**. 6ed - Campinas, SP: Cortez, 1999
- FERRAZ, Maria Eloisa C.de T. **Metodologia do ensino de Arte: fundamentos e proposições** – 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2009
- FERRAZ, Maria Eloisa C.de T. **Arte na Educação Escolar**. – 4 ed. – São Paulo: Cortez, 2010
- FRENDIA, Perla. **Arte em interação**. 1. Ed. – São Paulo: IBEP, 2013.
- FOLLARI, R. A. “Algumas considerações práticas sobre interdisciplinaridade. In: Bianchetti, L., Jantsch, A. **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis: Vozes. 1995.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- GIACON, Beatriz di Marco. Coerência. In. FAZENDA, I. C. A. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2 ed São Paulo: Cortez, 2002
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999
- GUSDORF, Georges. Pasado, presente y futuro de la investigación interdisciplinaria. In: APOSTEL, Leo et al. **Interdisciplinariedad y ciencias humanas**. Madrid: Tecnos, 1983.
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- JAPIASSU, H; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.
- KENSKI, Vani, FAZENDA, Ivani ET AL (Org). **Didática e Interdisciplinaridade**. 6 ed. Campinas: Papirus, 1998
- LEITE, Maria Isabel. Experiência Estética e Formação Cultural: Rediscutindo o Papel da Cidade e de seus equipamentos culturais. In In MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Ensaio em torno da Arte**. Chapecó: Argos, 2008
- MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho e (Org.) (). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó, SC: Argos, 2008
- MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir, e conhecer a arte**. São Paulo: FTD, 1998.
- MATOS, Ricardo Hage. Estética. In FAZENDA, I. C. A. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2 ed São Paulo: Cortez, 2002
- MAZZAMATI, Suca Mattos. **Ensino de desenho nos anos iniciais do ensino fundamental: reflexões e propostas metodológicas** – São Paulo: Edições SM, 2012.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11. ed São Paulo: Cortez, 2006
- MODINGER, Carlos Roberto. **Artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes**. Erechim: Edelbra, 2012
- SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES. Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. – 3. ed. rev. Atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001
- PESSANHA, José Américo Motta. **Arte e renascimento: humanismo e pintura**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985
- PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte. A arte e seu ensino na Contemporaneidade. In MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Ensaio em torno da Arte**. Chapecó: Argos, 2008
- RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra. Relações entre linguagens. In In MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Ensaio em torno da Arte**. Chapecó: Argos, 2008
- RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Porto Alegre: Mercado das Artes, 2004.

RICHTER, Ivone Mendes. Multiculturalidade e Interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mãe (org). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2003.

RIZOLLI, Marcos. Arte e Interdisciplinaridade: Um convite á partilha. In. RIZOLLI. **Arte, Cultura e Linguagem**. Campinas, SP: Akademika, 2010

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica**. Florianópolis, 2014.

TAVARES D. E. Aspectos da história deste livro. In. FAZENDA I. C. A. **Práticas Interdisciplinares na escola**. 2 ed. – São Paulo: Cortez 1993.

VASCONCELLOS, Marcya. A arte entra em cena na escola. In Silva, Ângela Carrancho. **Escola com arte: multicaminhos para a transformação**. Porto Alegre. Ed. Mediação, 2006

ZABALA, A. Os enfoques didáticos. In: COLL, C. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2004

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – questionário da pesquisa de campo.

PESQUISA DE CAMPO

**A interdisciplinaridade na fala dos professores de Artes.
Acadêmica Pesquisadora: Kariane do Nascimento Pavan;
Orientadora: Prof^a Ma. Silemar M. M. da Silva;**

Solicito a você professor (a) de artes, que responda as questões abaixo, pois, sem suas respostas não poderei concluir esta pesquisa.

1. Com qual rede de ensino você trabalha?

() estadual () municipal () particular

2. Qual o nível de ensino que você leciona?

() Educação Infantil () Fundamental I () Fundamental II () Ensino Médio

3. Em sua graduação foi discutido sobre interdisciplinaridade?

() não () sim _Em que momento? _____

4. Na escola em que você atua, há prática de projeto interdisciplinar? E como a arte está inserida nestes projetos?

5. A interdisciplinaridade é presente na sua atuação como professor de arte?

6. Você tem conhecimento de quais documentos orientam para uma prática interdisciplinar? Quais?

7. De acordo com sua compreensão, qual é o conceito de interdisciplinaridade?

8. Escreva sobre alguma experiência vivenciada em suas aulas de artes que você possa ter trabalhado de forma interdisciplinar:

Obrigada pela participação.

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM.



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
 UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
 CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____ (PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
 EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
 (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa da acadêmica Kariane do
 Nascimento Pavan do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação da Prof.
 Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva para que o mesmo os disponibilize como
 dados da pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
 descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
 à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data:

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa
